

IRIA ISIDORO AFONSECA LOPES SILVA

Tema:

*Análise Morfonológica das variantes dialectais
de Santiago e de São Nicolau*



Licenciatura em Letras/Estudos Cabo-verdianos e Portugueses



Praia, Setembro de 2009

Iria Isidoro Afonseca Lopes Silva

Tema:

*Análise Morfonológica das variantes dialectais
de Santiago e de São Nicolau*

**Trabalho científico apresentado à Uni-CV para obtenção do grau de
Licenciatura em Letras/Estudo Cabo-verdianos e Portugueses, sob
orientação da Mestre Dra. Maria de Lourdes Lima**

Iria Isidoro Afonseca Lopes Silva

**Análise Morfonológica das variantes dialectais de Santiago
e São Nicolau**

O Júri

Presidente _____

Arguente _____

Orientadora _____

Praia, _____ / _____ / _____

Dedicatória

A todos os que fizeram com que este trabalho se concretizasse, e de um modo particular ao meu marido, João Baptista Silva, por toda a disponibilidade e paciência e também aos meus pais, que por muitas vezes tiveram que viver com a minha ausência.

Agradecimentos

À minha incansável orientadora, MESTRE MARIA DE LOURDES LIMA, pelo seu desprendimento e paciência demonstrada.

A todos os que disponibilizaram o seu tempo para fornecer os dados necessários para a efectivação desse trabalho e a toda a minha família.

«A linguagem humana, que dá ao indivíduo a faculdade de exteriorizar o seu eu, aparece como o factor mais importante de toda a vida social, visto que permite a comunicação das ideias e deste modo, constitui a base de todas as ciências. O ensino de nível universitário deve, pois, conceder ao estudo dos elementos fónicos que constituem a sua trama, uma particular importância.»

Maurice Leroy

Abreviaturas, siglas e símbolos

S.T.: Santiago, a variante de Santiago

S.N.: São Nicolau, a variante de São Nicolau

Port.: Português

LCV: Língua cabo-verdiana

LP: Língua portuguesa

TFC: Trabalho de Fim-de-Curso

< : deriva de.

> : resulta em.

< > : proposta de grafia (para a LCV)

[]: representação fonética

/ : pausa breve correspondente à vírgula

// : pausa longa correspondente ao ponto final.

Índice	Pág.
I. Introdução	8
1. Justificativa da escolha do tema.....	8
2. Objectivos.....	8
3. Enquadramento teórico-conceptual.....	9
4. Metodologia.....	10
II.	
1. Génese e evolução da língua cabo-verdiana.....	11
1.1. O estudo do crioulo/a língua cabo-verdiana.....	15
2. A importância da língua cabo-verdiana ao lado da língua portuguesa.....	18
3. Enquadramento histórico das realidades das ilhas de Santiago e de São Nicolau.....	20
4. Estudos fonológicos das variantes de Santiago e de São Nicolau.....	22
4.1. Acentuação.....	22
4.1.1. As regras de acentuação.....	23
4.2. Realização das sibilantes.....	26
4.3. Quedas das vogais.....	28
4.4. Assimilação.....	29
5. Estudos morfológicos das variantes de Santiago e de São Nicolau.....	31
5.1. Determinantes.....	31
5.2. Pronomes.....	37
5.3. Nomes.....	42
5.4. Adjectivos.....	46
5.5. Verbos.....	49
III. Conclusão.....	56
IV. Bibliografia.....	58
Anexos.....	60

I. Introdução

1. Justificativa da escolha do tema

Este Trabalho de Fim-de-Curso (TFC) surge no âmbito da Licenciatura em Estudos Cabo-verdianos e Portugueses na Universidade de Cabo Verde. A escolha deste tema justifica-se pelo facto de que a Linguística é uma ciência de muita importância para a sociedade, visto que o seu objecto é a língua, que cumpre a «a obrigatoriedade de comunicação, uma função primeira na comunidade de falantes» (LIMA 2001: 72). A sociedade cabo-verdiana, como sociedade nova, com instituições novas precisa urgentemente de conhecer de uma forma profunda a sua realidade linguística, caracterizada pela convivência das línguas portuguesa e cabo-verdiana. A língua cabo-verdiana (LCV) precisa de ser estudada num contexto em que se fala com uma certa urgência na sua oficialização. O conhecimento das estruturas irá permitir que o cabo-verdiano seja um povo com maior competência linguística nas suas duas línguas, dado o avanço da escolarização.

A LCV caracteriza-se por apresentar duas variantes, a de Barlavento com as subvariantes: Santo Antão, São Vicente, São Nicolau, Sal e Boa Vista e a de Sotavento com as subvariantes Maio, Santiago, Fogo e Brava. Entretanto, essas diferenças não impedem a comunicação entre os falantes dessas ilhas. Pelo facto de haver essas duas variantes, este TFC, se propõe fazer a *Análise Morfológica das variantes dialectais de Santiago e de São Nicolau*.

2. Objectivos

Objectivos gerais deste TFC são: conhecer melhor a língua cabo-verdiana; contribuir para o enriquecimento dos estudos da língua cabo-verdiana; contribuir para a constituição de uma base de dados da variação fonológica nas variantes de Santiago e de São Nicolau. São, ainda, objectivos específicos deste TFC: identificar as diferenças entre as variantes de Santiago e São Nicolau; identificar as semelhanças existentes entre as duas variantes; questionar se a variante de São Nicolau apresenta uma aproximação com a variante de Santiago.

3. Enquadramento teórico-conceitual

Neste trabalho vão ser examinados os conceitos de variação e de variante. Na perspectiva da linguística histórica: **variação** é o *fenómeno pelo qual uma determinada língua nunca é, numa dada época, lugar e grupo social, igual ao que era numa outra, num outro lugar e num outro grupo social*. Também na perspectiva da sociolinguística é definida como sendo as *diferenças no discurso falado ou escrito de um indivíduo ou de um grupo de indivíduos conforme a situação, o tópico, o interlocutor e o espaço*. (XAVIER e MATEUS, 392). E quanto a **variante** define-se como sendo a *forma linguística que corresponde a uma das alternativas de um dado conjunto, num contexto determinado*. Este conceito é fundamental à *noção de alo-, como em alofone, alomorfe, etc.* (idem)

Além da variação e variante para este TFC são fundamentais as componentes, Fonologia e a Morfologia. **Fonologia** – *Ramo da Linguística que estuda os sistemas sonoros das línguas. Da variedade de sons que o aparelho vocal humano pode produzir, e que é usado pela fonética, só um número relativamente é usado distintivamente em cada língua. Os sons estão organizados num sistema de contrastes, traços distintivos ou quaisquer outras unidades fonológicas de acordo com a teoria usada*. (XAVIER e MATEUS: 171) **Morfologia** – *Disciplina da Linguística que descreve e analisa a estrutura interna das palavras e os mecanismos de formação de palavras*. (XAVIER e MATEUS, vol. II: 253)

Citando (LIMA, 2002) a fonologia e a morfologia são duas componentes igualmente importantes numa língua, as duas interligam-se, concorrendo para a compreensão do funcionamento da língua nos respectivos domínios.

A perspectiva do estudo da língua, inscrita na corrente teórica generativista, entende que a Gramática constitui uma explicitação do conhecimento implícito do falante. Assim o estudo da língua implica a valorização do nível fonológico - na decorrência quer do desenvolvimento de hipóteses gerais sobre o funcionamento das línguas quer na possibilidade de avaliar essas mesmas hipóteses - no interior dos paradigmas fonológico e morfológico (LIMA, 2002)

Tendo em conta que este trabalho está enquadrado no âmbito da formação citada anteriormente, que visa proporcionar aos futuros professores das línguas cabo-verdiana e portuguesa um melhor conhecimento das mesmas, para poderem distinguir as diferenças

existentes entre uma e a outra. E procurando estudar uma parte mais específica, este trabalho em particular, centra-se numa análise contrastiva entre as variantes de Santiago e de São Nicolau nos níveis referidos visando um dos objectivos: conhecer melhor a língua cabo-verdiana.

E certo que, desde as décadas de cinquenta e sessenta surgiram estudos feitos por Baltasar Lopes e Dulce Almada Duarte respectivamente, mas ainda muito falta fazer para que todos os cabo-verdianos possam conhecer melhor esta língua e dominar a escrita da mesma. Por isso, espera-se com este trabalho dar um contributo para conhecer as variantes que apesar de pertencerem a dois grupos diferentes, apresentam tanto diferenças como também, se constata vários pontos em comum.

4. Metodologia

Para a concretização deste TFC foi preciso entrevistar algumas pessoas das duas variantes, entre os familiares, amigos e conhecidos e não só, de diferentes faixas etárias, a maioria dos entrevistados pertenciam a áreas urbanas e algumas a áreas rurais. Quanto ao perfil social dos mesmos, alguns adultos são iletrados, outros possuem o nível secundário, e outros com formação superior. Os jovens são escolarizados com diferentes níveis. Para além da entrevista fez-se consultas a várias bibliografias, que retratam a área da Linguística geral e cabo-verdiana.

Para a realização de um TFC vários são os desafios, que o aluno enfrenta, este em particular foi um desafio muito grande, as barreiras foram muitas, foi possível contornar algumas. Espera-se que este trabalho tenha conseguido responder dentro dos possíveis as hipóteses levantadas.

II.

1- Génese e evolução da língua cabo-verdiana

A língua cabo-verdiana é a parte da herança deixada pelos europeus mais concretamente, os portugueses e os povos da Costa Ocidental Africana «num contexto de mestiçagem cultural e biológico». Um processo que inclui a ladinização.

Segundo Veiga, 2002 (:5), tirando proveito da situação geográfica de Cabo Verde, os portugueses aqui desenvolveram uma economia baseada no comércio de escravos capturados em grandes quantidades na Costa Ocidental da África e trazidos para a cidade da Ribeira Grande de Santiago, onde eram ladinizados (aprendizagem dos rudimentos da língua e da religião). Em seguida eram exportados em situações desumanas tanto para a Europa como para a América do Sul.

Dessa situação, algo de extraordinário aconteceu: o nascimento do homem cabo-verdiano, da cultura cabo-verdiana, da língua cabo-verdiana. O mesmo autor classifica esta língua como *um dos elementos socioculturais mais nobres que emergiram dessa humanização e dessa cultura isleña, umas vezes como fruto de férteis reencontros e outras vezes como resultado de confrontos marcados pela defesa da dignidade.* (idem) A demonstrá-lo este o facto de que o cabo-verdiano é um povo orgulhoso da sua língua, que consegue levá-la a todos os quatro

cantos do mundo e na emigração, verifica-se que um filho de cabo-verdiano mesmo nascido no estrangeiro, sem nunca ter conhecido Cabo Verde, fala ou entende a língua dos seus pais.

O contexto inicial do surgimento do crioulo baseia-se num conjunto de condições, que, de um certo modo facilitou o aparecimento de uma nova língua em Cabo Verde: os escravos, apesar de maior número não conseguiram impor as suas línguas por falta de poder e também porque eles estavam de passagem nessas ilhas; os brancos para além de serem em números reduzidos falavam diversos dialectos do português e não tinham o interesse de impor as suas línguas. (VEIGA, id: 7)

Tomando em conta os diversos contextos acima referidos, compreende-se que não foi fácil a imposição nem da língua portuguesa, nem de qualquer das línguas africanas em presença. Entretanto, a vida em sociedade é um conjunto de relações onde o papel da língua é fundamental. Na situação linguística vivida em Cabo Verde na época colonial, nenhum dos códigos existentes foi adoptado, deste modo, deu-se a criação de um outro que não podia ser indiferente ao mapa linguístico já citado, à herança cultural e a relação de força política, social e cultural.

O C.cv (Crioulo Caboverdiano ou língua Caboverdiana) nasce, assim da tolerância imposta pelas circunstâncias. [...] Não é português, mas também não se confunde com nenhuma das línguas étnicas. É tão mestiça como o nosso povo, é tão sincrética como a nossa cultura.

A língua caboverdiana é, deste modo, a nossa bandeira cultural e um dos elementos mais significativos do nosso cartão de identidade. (VEIGA, id: 7)

Normalmente, nas situações de colonização, o que é mais notável é a herança da língua dos colonizadores, principalmente no caso de Cabo Verde em que não era habitado antes da chegada dos portugueses. Também, tendo em atenção as circunstâncias em que foram descritas, favoreceram o aparecimento de uma nova língua, na medida em que os interesses dos colonizadores eram outros, uma vez que o país não dispunha de riquezas minerais, nem abundância em chuva. Eles não pretendiam viver aqui por todo o tempo, Cabo Verde era o ponto de escala à navegação.

Já que nenhum dos grupos conseguiu impor as suas línguas, nasceu a LCV nas circunstâncias atrás referidas. E que foi crescendo, mas não em pé de igualdade com a língua portuguesa,

uma vez que ela não era usada nos círculos oficiais de prestígio. A LCV era apenas falada em situação informal, enquanto a outra foi sempre falada e escrita em situação formal. Hoje decorrente da independência, já se pode constatar uma certa igualdade entre o crioulo cabo-verdiano e a LP na realidade cabo-verdiana, na medida em que já se pode falar a LCV nas cerimónias oficiais.

A LCV, designação que toma após a independência de Cabo Verde resulta de um longo processo de gestação e de consolidação, na medida em que a língua é dinâmica e sofre modificações com o tempo.

Esta língua que nasceu num contexto escravocrata de vários séculos, de colonização durante algumas décadas e de independência política a partir da década de setenta do século XX, irá ser examinada a bibliografia que permite compreender esse seu processo de formação.

(VEIGA, 1998: 110, in *Descoberta das ilhas de Cabo Verde*)

Segundo alguns teóricos da área, a génese dos crioulos incluindo a de Cabo Verde estaria um pidgin de base português que data do séc. XV – XVI, o qual provinha de um outro pidgin originário do Mediterrâneo Oriental. Anthony Naro (in *Langage* nº 54, 1978) denominou esse pidgin de «língua de reconhecimento», que surgiu na Europa, particularmente em Portugal, como resultado do treino linguístico dos cativos trazidos da África Oriental.

No entanto, esta língua teria transformada num “código adquirido” e difundida através do Continente Africano, mais concretamente no início do séc. XVI, por intermédio dos “lançados”, isto é, os que na época faziam comércio nos rios e portos africanos sem licença régia. (VEIGA, 1998: 110) O comércio exercitado nessa região permitiu a difusão dessa língua porque não poderá haver o comércio se não houver a comunicação, ou seja um sistema que é entendido por todos.

Para Veiga a tese que lhe «parece mais válida é aquela que coloca o nascimento do crioulo de Cabo Verde como resultado de uma dialéctica, num contexto plurilinguístico, em que o sistema, para o caso dos escravos, não era unitário, em parte por causa da diversidade étnica, prevalecendo no entanto, uma premente necessidade de comunicação, tanto do ponto de vista

social, económico e cultural. Neste contexto, a tolerância linguística aceite por ambas as partes (dominador/dominado) era uma exigência da própria sobrevivência.

Citando ainda o mesmo autor, nessa situação a finalidade primeira da dominação era mais económica do que cultural, e perante uma necessidade urgente de estabelecimento de um código de comunicação não só entre o escravo e o patrão, como também entre o homem branco e a mulher negra, na intimidade do leito partilhado. Daí que, era necessário um caminho mais curto para a intercomunicação necessária de um estabelecimento progressivo de um código mínimo e reconhecido por ambas as partes, de um instrumento simples, mas funcional e eficaz, codificado e descodificado pelos que davam as ordens e por aqueles que os executavam.

No entanto, esse código mínimo, que, a princípio, foi extremamente limitado a pouco e pouco foi-se diversificando e estruturando. Como língua ao longo de geração. Segundo os estudiosos, tal poderia resultar num pidgin, em parte, no substrato da estrutura interna das línguas dominadas e no adstrato lexical como também sintáctico da língua dominante, ou seja o português quinhentista. (CARREIRA apud VEIGA: 114) Esta é uma hipótese, ainda por verificar, como a própria bibliografia mostra

«Qualquer que seja, porém, o processo de formação do nosso crioulo, o importante é que existe hoje – sendo um instrumento linguístico autónomo, funcional e útil – não só como meio privilegiado de comunicação oral, também como o melhor suporte da caboverdianidade.» (VEIGA, 1998: 114)

Note-se que, o processo de consolidação só veio a acontecer sem grandes sobressaltos nos séculos XVII e XVIII. A partir do séc. XIX, com a introdução do ensino oficial em Cabo Verde, passou a ser objecto de ataques cerrados como: *ridículo crioulo, idioma o mais perverso, corrupto e imperfeito [...] Língua ... que carece de três letras scilicet, não se acha nela F, nem L nem R, coisa digna de espanto porque assim não tem Fé, nem Lei, nem Rei e, desta maneira vivem sem justiça e desordenadamente* (CARREIRA apud VEIGA, id: 116)

Já no séc. XX, apesar de ainda continuar a aparecer alguns que atacavam essa língua, também outros a defendiam, entre os quais pode-se destacar nomes de alguns escritores: Eugénio

Tavares, Baltasar Lopes, Jorge Barbosa, Pedro Monteiro Cardoso, Dulce Almada, Manuel Veiga, Tomé Varela da Silva, Daniel Spínola e muitos outros escritores de renome.

1.1. Estudos sobre o crioulo/a língua cabo-verdiana

Esta língua apesar de ter conquistado o estatuto de língua nacional e materna no séc. XX, já no séc. anterior iniciou o processo da sua instrumentalização escrita. Apoiando no trabalho intitulado O crioulo de Cabo Verde emergência e afirmação de Manuel Veiga publicado in *Descoberta das ilhas de Cabo Verde* (1998), a primeira tentativa de descrição do Crioulo que se conhece, data de 1880 com um trabalho intitulado *Os Dialectos Românicos ou Neo-Latinos na África, Ásia e América* de Francisco Adolfo Coelho.

Posteriormente, no ano de 1886, Joaquim Vieira Botelho da Costa e Custódio José Duarte Publicam *O Crioulo de Cabo Verde: Breve estudos sobre o Crioulo das Ilhas de Cabo Verde Oferecidos ao Dr. Hugo Schuchardt*. (VEIGA, id: 117)

No ano de 1887, A. de Paulo Brito apresenta a primeira tentativa de gramática. Ainda há notícia de uma Cartilha do Crioulo, da autoria do Cónego Teixeira, mas desconhece-se a data precisa da sua publicação. No entanto, situa-se essa Cartilha nos finais do séc. XX, uma vez que Manuel Lopes confia o estudo nessa Cartilha quando era criança. (VEIGA, id: 117, 118)

Em 1933, Pedro M. Cardoso escreveu *Noções Elementares de Gramática – Fonética, Morfologia e Sintaxe*. Napoleão Fernandes iniciou um trabalho denominado *Léxico do Dialecto de Cabo Verde* que levou 40 anos a ser compilado e que veio a ser publicado postumamente em 1991. Luís Romano publicou, em 1970 um glossário integrado na obra *Cabo Verde – Renascença de uma Civilização no Atlântico Médio*. (VEIGA, id: 118)

Citando o mesmo autor, tendo em vista que os escritores acima referidos não tinham uma formação na área da Linguística, com excepção de Francisco Adolfo Coelho, deste modo, esses instrumentos referidos foram contributos válidos, embora muito limitados.

No entanto, as obras de cunho científico começaram a surgir a partir de 1957 com *O dialecto Crioulo de Cabo Verde* de Baltasar Lopes da Silva. Alguns anos mais tarde, ou seja em 1961 apareceu uma obra da mesma índole *Cabo Verde – Contribuição para o Estudo do Dialecto Falado no seu Arquipélago* de Dulce Almada. (VEIGA, id:118)

Depois da independência (1975) começou uma nova fase da instrumentalização dessa língua com a realização de um Colóquio sobre *A Problemática do Estudo e da Valorização do Crioulo* (1979), onde surgiu uma proposta de alfabeto de base fonológica. Na sequência desse Colóquio, Manuel Veiga escreveu *Diskrison Strutural de Língua Kabuverdianu* em 1982. Alguns anos mais tarde, em 1989 Eduardo Cardoso dá a estampa a obra *O Crioulo da Ilha de S. Nicolau de Cabo Verde*. Nesse mesmo ano foi criada a Comissão Nacional para a Língua Cabo-verdiana, um órgão consultivo do governo na implementação de políticas visando a defesa e a valorização da Língua Cabo-verdiana. (VEIGA, id: 118)

Em 1989 foi realizado na Praia (capital do país) um Forum de Alfabetização Bilingue, neste fórum para além de outros trabalhos, foi apresentado um documento intitulado *Crioulo de Cabo Verde – Esboço de Gramática* da autoria da linguista portuguesa Dulce Pereira.

A língua cabo-verdiana passou todo esse tempo a ser escrita sem existir um alfabeto oficializado, ou seja uma unificação em termos da escrita. No entanto, com o objectivo da oficialização dessa língua, foi criada em Novembro de 1993 uma Comissão para a Padronização do Alfabeto. Depois de um ano, a comissão entregou ao governo uma proposta unificada de alfabeto para a escrita do Crioulo - o ALUPEC. (VEIGA, id: 119)

Todos os parágrafos a cima descrevem obras de natureza científica sobre a língua cabo-verdiana desde o século XIX à actualidade. Obras essas que serviram de base para este presente trabalho. Pois, além dessas foram publicadas as de natureza literária, com base no alfabeto etimológico como fonológico - alguns romances e textos poéticos. Assim, pode-se destacar Pedro Cardoso que foi um dos primeiros a usar dessa língua para expor os seus sentimentos. Também foram escritas letras de músicas muito famosas, principalmente as mornas que através de muitos artistas, com destaque para Cesária Évora que representa o país por todos os cantos do mundo. Igualmente, vários trabalhos de cunho científico foram feitos ao longo desses anos em que a língua cabo-verdiana passou a ser leccionada como uma

disciplina na Escola de Formação de Professores de Ensino Secundário, hoje Uni-CV. Ainda em várias escolas nos Estados Unidos, na comunidade cabo-verdiana. (VEIGA, id: 119)

Alguns trabalhos já foram feitos ao bem da língua de todos os cabo-verdianos, porém muitos estudos, formações na área devem ainda ser feitos a fim de contribuir para a criação da base da oficialização da mesma.

2. A Importância da Língua Cabo-verdiana ao lado da Língua Portuguesa

Depois de ter descrito todo o percurso da língua cabo-verdiana, tendo verificado toda as dificuldades que envolveram o nascimento e o percurso dessa língua e também a idade que ela já tem, não deixa dúvidas que esta língua terá muita importância se for posta ao lado da língua portuguesa, ou seja, se passar a ter o mesmo estatuto do que a língua portuguesa e também ser ensinada na escola.

Pedro Cardoso um dos primeiros cabo-verdianos que escreveu sobre a língua cabo-verdiana e também que desde há muito utilizava esta língua na criação poética lírica. Já em 1933 disse o seguinte:

Todos aprendem a língua estrangeira tendo por instrumento a língua materna; saibam também os professores de instrução primária servir-se do crioulo como veículo para mais rápido e profícuo ensino das matérias do programa a cumprir, principalmente do português (...) (VEIGA, 1998: 116)

Também Veiga se assume como defensor da LCV e afirma que a sua defesa nunca prejudicou o domínio da língua portuguesa. (VEIGA, 2002: 19)

[...] muitos cabo-verdianos (incluindo alguns letrados) desconhecem a fronteira existente entre o português e o crioulo. Assim muitas vezes, assiste-se a invasão da estrutura de uma língua na de outra e vice-versa, o que para ambas é prejudicial. (VEIGA, Op. cit.120)

Uma vez estudada a língua cabo-verdiana pelos estudantes cabo-verdianos desde os primeiros anos de escolaridade, a mesma fica em pé de igualdade com a LP, no que tange à escrita. As duas línguas saem a ganhar e o sistema do ensino também, por outras palavras, todos os cabo-verdianos beneficiam com a situação. Porquê? Porque passa-se a conhecer as estruturas das duas línguas e assim deixa de haver a invasão de uma na outra. Deste modo cada falante irá conhecer a fronteira onde começa a estrutura de uma língua e onde termina a mesma. Por isso, as duas línguas devem estar juntas, uma ao lado da outra, como Veiga fez questão de afirmar: [...] *a prática bem orientada de um bilinguismo funcional e equilibrado em Cabo Verde desenvolve nos educandos a performance linguística, a confiança em si e, por conseguinte, a capacidade de aprendizagem.* (VEIGA, id: 123) Tendo em conta esta performance o cabo-verdiano irá desenvolver a capacidade oratória e da escrita em língua segunda de que muito precisa e a capacidade da escrita da língua materna. Daí que fica aberta as faculdades de aprender outras línguas.

Enquadrado no tema em estudo pode-se verificar que para que a língua cabo-verdiana consiga atingir o estatuto de língua oficial em Cabo Verde é preciso que se conheça melhor a mesma.

Hoje, quem fala apenas uma língua, sobretudo as de pouca difusão, é ou tende a ser, de algum modo, analfabeto. E isto porque a interdependência humana, a diversos níveis – social, político, económico, como cultural – passou a ser, mais do que uma conveniência, uma exigência do desenvolvimento. (VEIGA, id: 121)

Daí que se considera ser imprescindível o estudo do crioulo para que o cabo-verdiano possa ser um povo bilingue ou até multilingue. Para que se possa ter o desenvolvimento almejado por todos os que desejam ver Cabo Verde nun outro patamar de desenvolvimento. A língua é um ponto fundamental no desenvolvimento de qualquer nação, daí que se escolheu esse tema e esse capítulo em particular.

3. Enquadramento histórico das realidades das ilhas de Santiago e de São Nicolau

O arquipélago de Cabo Verde formado por dez ilhas e cinco principais ilhéus a cerca de quinhentos quilómetros (500 km) do promontório africano que lhe deu o nome, *constitui a chamada crista dorsal de Atlântico, situa-se entre o trópico de Câncer e o Equador*. (FILHO, 1996: 11) As ilhas e os ilhéus ocupam uma área de quatro mil e trinta e três quilómetros quadrados (4033km²), agrupado em dois conjuntos - o de Barlavento e o de Sotavento. As ilhas foram encontradas em duas expedições, em 1460 e 1462, Santiago figura entre as primeiras. Também dispõe de boas condições para a prática da agricultura, condições essas que permitiram o seu povoamento em primeiro lugar. Com novecentos e noventa e um quilómetros quadrados (991km²) de extensão, e desde o início da povoação do país sempre foi a mais povoada, actualmente com cerca de 300000 habitantes. (AMARAL, 2007: 15)

Esta ilha foi marcada pelo homem, que desde 1460 criou uma ilha crioula, onde a partir de 1462 *foi preciso introduzir tudo: homens, animais, culturas alimentares de Portugal e de África, do Brasil e da Índia. Nela se experimentaram e cruzaram influências, se caldeou, um novo tipo humano, um novo tipo de mentalidade e até de linguagem*: a LCV, que é o motivo do trabalho em curso. Por ela ter recebida e permanecida o maior número de negros (a mão-de obra) e por outro lado, os brancos (os governantes) terem residido ocasionalmente noutras ilhas, pode estar por detrás da diferença da sua variante das demais ilhas de Cabo Verde, particularmente do grupo de Barlavento. (AMARAL, id: 19)

Quanto a ilha de São Nicolau pertence ao grupo de Barlavento, fica mais ou menos no centro do arquipélago, dela avistando-se com bom tempo e a partir do Monte Gordo, praticamente todas as outras. É a quinta maior ilha em superfície com uma área de trezentos e quarenta e três quilómetros quadrados (343km²). (FILHO, 1996: 11)

Ao contrário da ilha de Santiago que foi povoado dois anos depois da sua descoberta, não se conhece com exatidão a data da descoberta nem do povoamento da ilha de São Nicolau. No entanto, *tudo parece indicar que os portugueses aportaram a essa ilha em 6 de Dezembro de 1461 – coincidindo com a data do respectivo orago*. Pois, concluiu-se que a ilha se manteve despovoada durante muito tempo até o início do século XVII. (FILHO, 1996: 24 e 35)

No entanto, a ilha veio a ser habitada alguns séculos depois do povoamento da maior ilha do arquipélago e não existe uma data certa conforme escreve João Lopes Filho. Ele expõe a forma como foi povoada a ilha de S.N. – os primeiros povoadores podem ser divididos em dois grupos: por um lado tinham os colonos da Metrópole, oriundos das diversas camadas sociais, de entre eles: os fidalgos e militares portugueses e também alguns espanhóis e genoveses; sacerdotes; alguns condenados; homens bons, lavradores e artesões. (FILHO, id: 36) Por outro lado tinham os escravos trazidos da Costa e Rios da Guiné. Além desses, também, há referência de mestiços das outras ilhas já povoadas, que foram levadas para a ilha de S.N..

Conforme rege a história, as ilhas de Barlavento normalmente não foram povoadas com muito número de escravos, e sendo S.N. pertencente a este grupo não foge à regra.

A aproximação da variante de S.N. à de S.T. pode estar a dever-se no povoamento, na medida em que se fez referência de que, aquando do povoamento da ilha de S.N. foram levados mestiços das outras ilhas já povoadas, poderá ter levados habitantes da ilha de S.T. para S.N.. Cruzando as informações, foi referenciado no trabalho num capítulo anterior que nos finais do século XVI e início do século XVII situa-se a formação e a irradiação do crioulo em Cabo Verde, isto pode levar a concluir que nessa altura a língua cabo-verdiana já existia, daí que os falantes dessa língua podiam ser levados para a ilha de S.N., uma vez que essa data está próxima da época que poderá ter iniciado o povoamento desta ilha.

4. Estudos fonológicos das variantes de Santiago e de São Nicolau

4.1. Acentuação

Para se iniciar o estudo deste capítulo enquadrado na parte fonológica, vai debruçar-se sobre a acentuação das palavras nas variantes em causa, por isso é de extrema importância que se faça um estudo teórico antes da parte prática. MATEUS et al 1990 (:353) classifica o **acento** como *aspecto prosódico com função linguística relevante e que está relacionado com a intensidade, a altura e a duração do som.*

«A generalidade das palavras têm um segmento, a **sílaba**, que se pronuncia com maior intensidade de que os seus vizinhos. Ao fenómeno da intensidade damos o nome de **acentuação**. Sendo designados como acentuados os segmentos que comportam o acento ou seja, intensidade maior do que a que se encontra noutros segmentos, ditos inacentuados ou não acentuados. Nota-se que embora fisicamente se possam encontrar vários graus de intensidade, em português apenas se distingue, funcionalmente entre acentuados e não acentuados, isto é, entre presença e ausência do acento, o que significa que existe apenas um acento. Noutras línguas, por exemplo o alemão, pode-se distinguir um acento principal e um ou mais acentos secundários.» (LIMA, 2002: 7.02)

CUNHA e CINTRA 2005 (:59) apresentam exemplos de palavras com acentos principal e secundário. *Os vocábulos longos, principalmente os derivados, costumam no entanto apresentar, além da sílaba tónica fundamental, uma ou mais subtónicas.*

De acordo com as regras de acentuação da LCV apresentadas por VEIGA 2002, elas vão ao encontro das da língua portuguesa, como se pode constatar nos exemplos mais a frente, com excepção de casos de Barlavento em que os verbos são oxítonos.

4.1.1. As regras de acentuação

Ao analisar as regras de acentuação entre as variantes de Santiago e de São Nicolau vai apoiar-se nos estudos feitos por alguns teóricos da língua cabo-verdiana. Depois de tratar os aspectos da acentuação é a vez de apresentar as regras da mesma, que são algumas. Primeiramente vão ser apresentadas as palavras oxítonas (acentuação na última sílaba). Segundo VEIGA 1996: (106) as palavras oxítonas de mais de uma sílaba ou as monossílabas terminadas por /e/ ou /o/ levam diacrítico, de acordo com a natureza vocálica com excepção dos pronomes pessoais e os adjectivos possessivos exemplos particularmente em S.T., mas também acrescentaria que o mesmo acontece em S.N.

S.T	S.N.
fé [‘fe]	fé [‘fe]
tanbé/tanbi [tɐ’be ‘tɛbi]	tamé [tɐ’mɛ]
kafé [kɛ’fe]	kafé [kɛ’fe]
bu [bu]	bo [‘bɔ]
nho [‘ɲo]	bosê [bo’sɛ]
pó [‘po]	pau [‘pɐw]
só [‘so]	só [‘so]

As palavras terminadas por uma consoante que não seja o /s/ da marca do plural normalmente são oxítonas, no entanto não são necessárias o diacrítico, já que é predizível. O mesmo para as palavras de mais de uma sílaba terminadas por um ditongo (com excepção do *ua*). Quando

aparece o diacrítico é por motivo da natureza vocálica. Neste grupo a acentuação ocorre da mesma forma em todo país, de um modo geral.

S.T.

mudjer [mu'dʒer]
 senhor [se'ɲor]
 kintal [kĩ'taɫ]
 txapéu [ʧe'pew]
 jogador [ʒuge'dór]

S.N.

medjer [m'dʒer]
 senhor [se'ɲor]
 kintal [kĩ'taɫ]
 txapéu [ʧe'pew]

Quanto às *palavras paroxítonas* (palavras com acentuação na penúltima sílaba), *de uma forma geral não levam diacrítico, já que é predizível*. (Op. cit: 105) Então pode-se verificar que nas duas variantes, as paroxítonas, principalmente os nomes com duas sílabas não pedem diacrítico. Já o mesmo não acontece com os adjectivos terminados em *ode* e os verbos na variante S.N..

S.T.

fidju
 arvi
 midju
 bentu
 kansadu
 kuzinhadu
 kanta ['kãte]

S.N.

fidje
 arve
 midje
 bente
 kansòde
 kuzinhòde
 kantá [ke'te]

E no caso das *paroxítonas em que a vogal tónica é um /e/ ou um /o/ semi-fechado ou semi-aberto*, o diacrítico é usado sobre as vogais semi-abertas. (Op. cit.)

S.T.

pratu ['pratu]
 omi ['omi]
 bóka ['bøkə]
 bolu ['bolu]
 dedu ['dedu]

S.N.

pròte ['prɔtə]
 òme ['ɔmə]
 bóka ['bøkə]
 bole ['bolə]
 dede ['dedə]

Em seguida apresenta-se as palavras proparoxítonas (acentuação na antepenúltima sílaba) todas elas levam diacrítico.

S.T.

sílaba [ˈsilebe]

últimu [ˈultimu]

kólera [ˈkolere]

Áfrika [ˈafrike]

dúvida [ˈduvide]

S.N.

sílaba [ˈsilebe]

últime [ˈultimə]

kólera [ˈkolere]

Áfrika [ˈafrike]

dúvida [ˈduvide]

Um caso particular, são os verbos regulares que segundo VEIGA 1995 (:107), na variante de São Vicente *os verbos regulares são oxítonos, apesar da predibilidade intradialectal do diacrítico, convém utilizá-lo para contrastar com as mesmas formas verbais em S.T. e que são normalmente, paroxítonas*. Também ocorre em S.N, já que pertence a variante de Barlavento, em que os verbos são oxítonos.

S.T.

txoma [ˈʃome]

lenbra [ˈlêbre]

kanta [ˈkãte]

vivi [ˈvivi]

S.N.

txumá [ʃˈme]

lenbrá [lêˈbre]

kantá [keˈte]

vivé [viˈve]

Pelo que se pode constatar não se registam muitas diferenças a nível da acentuação nas duas variantes. As diferenças acontecem relativamente aos verbos em que em S.T. são paroxítonos e em S.N. são oxítonos. Também os adjectivos terminados em *ode* e as palavras paroxítonas, em que a vogal tónica é um /o/, em S.N. pedem o diacrítico, enquanto em S.T. esses adjectivos terminam em *adu* e as palavras paroxítonas, em que a vogal tónica é um /a/ não levam diacrítico. Já nesses aspectos a variante de S.N. está claramente enquadrada na de Barlavento.

4.2. Realização das sibilantes

Este capítulo vai incidir sobre a realização das sibilantes na língua cabo-verdiana, mais concretamente nas variantes de Santiago e de São Nicolau. Daí que se apresenta a definição de **sibilação** ou **sibilante** segundo XAVIER e MATEUS (:330) *Evolução de um segmento consonântico, de que resulta uma consoante africada ou fricativa anterior, i. e., uma sibilante. Alguns autores designam igualmente por «assibilação».*

S.N.

S.T.

Sibilantes:

- na posição inicial:

sede	sede
sta	sta
saúde	saúde
Stânsia	Stânsia
strai	distrai

- na posição medial:

Kuzinhòde	kuzinhadu
bzote	nhos
kabesada	kabesada
kzinha	kuzinha

- na posição final:

fazé	fazi/fasi
des	des
ros	arós
kansa-m	kansa-m
bolsa	bolsa
pasá	pasa
kaza	kaza

- na posição intervocálica

pasá	pasa
------	------

kaza	kaza
fazé	fazi
kabesada	kabesada
kzinha	kuzinha
kuzinhòde	kuzinhadu

S.N.

- na posição pré-tónica

sta	sta
strai	distrai
Stânsia	Stânsia
kuzinhòde	kuzinhadu
sabé	sabi
skusé	skesi
pasá	

S.T.

Obs: No termo <pasá> a sibilante encontra-se na posição pré-tónica, enquanto no <pasa> encontra-se na posição pós-tónica, isso quer dizer que nesses exemplos as sibilantes não se encontram na mesma posição devido a acentuação que nas duas variantes são diferentes, como já foi explicado no capítulo da acentuação. O mesmo acontece com o verbo <skusé> e <skesi>, no segundo sibilante.

- na posição pós-tónica

bolsa	bolsa
kaza	kaza
vezes	vezes
Deus	Deus
brose	brasu
	skesi
	pasa

Analisando as sibilantes nas duas variantes constatou-se que nas posições inicial, medial, final, intervocálica e pós-tónica não se verificam diferenças a não ser nos casos em que os termos não se escrevem da mesma forma. Na posição pré-tónica verifica-se que os nomes e os adjectivos terminados em ode/adu as sibilantes mantêm na mesma posição, mas no caso de verbos como <sabé> [se'be] / <sabi> ['sebi], <ferbé> [fer'be]/<ferbi> ['ferbi] a posição dos acentos mudam-se.

4.3. Queda das vogais

A elisão constitui uma perda ou omissão de um som ou sílaba. Afecta, de um modo particular, os grupos consonânticos, sílabas pré- ou pós-tónicas [...] Susceptíveis de serem elididos são os sons pouco articulados, os quais por isso praticamente deixam de desempenhar qualquer significação. (LIMA, 2002 (:6.19)

A LCV apresenta um grande número de elisão, a causa desse fenómeno pode estar no facto de esta língua ser uma língua falada, tendo em conta a afirmação de LIMA 2002 (:6.19) que diz que a elisão é mais comum no discurso falado, coloquial.

Segundo a mesma autora, *uma das causas mais frequentes para o fenómeno de elisão de sons encontra-se na queda de uma vogal fraca e átona, quando precedida de uma oclusiva (/p/, /t/, /k/), na LP. Na LCV, especialmente em S.N. encontram-se os mesmos casos, mas as vogais estão depois das oclusivas: <poke> ['pokə], <skesé> [ʃk'se], <mede> ['medə], <tude> ['tudə], <jente> ['ʒẽtə], <bzote> [b'zotə], <beli> [bə'li]. Quase todos esses casos, as quedas de vogais são nas últimas sílabas.*

Também ocorre esse fenómeno quando as vogais estão a seguir das africadas/palatalizadas /tx/, /dj/ e vogais átonas: <txumá> [ʃ'me], <trabòdje> [tre'bɔdʒə].

Ainda Lima refere que algumas elisões ocorrem para tornar mais rápido o débito da emissão e também por causa da realidade fonética e fonológica, que se parece com o caso da língua cabo-verdiana.

Para além desses casos apresentados nos parágrafos anteriores, há muitos outros que ocorrem nessa língua, como se pode observar nos exemplos seguintes:

S.N.**S.T.**

<Rebera de Djon> [R'berə də 'dʒõ]

<Ribera di Djon> [Ri'bera di 'dʒõ]

<medjer> [mə'dʒer]

<mudjer> [um'dʒer]

<Minine> [m'ninə]

<mininu> [mi'ninu]

<Ros> ['roj]

<aros> [a'roj]

<pule> ['pulə]

<pulu>]'pulu]

<for> ['for]

<fornu> ['fornu]

4.4. Assimilação

Assimilação – *Qualquer processo em que um segmento fonético se identifica com um segmento vizinho ou dele se aproxima, ao adquirir um traço ou traços fonéticos desse vizinho.* (XAVIER e MATEUS, vol. I) Na perspectiva de Mateus et al (:345) - *é um dos processos mais frequentes em todas as línguas. Esse processo assimilatório pode representar-se com a oposição da mesma variável ao mesmo traço que identifica dis segmentos diferentes.* (p 345)

Segundo LIMA 2002 (:6,19) na língua cabo-verdiana existem mais números de exemplos de assimilação do que na língua portuguesa.

S.N.**S.T.**

Fraku /bròse /brajoer

Fraku/brasu/brajeru

['fraku/'brɔsə/bre'zoér]

['fraku/'brasu/brezéru]

Esses exemplos demonstram-se o seguinte: em S.N. a palavra <fraku>, o /a/ tónico do português quando precede a velar /k/ manteve-se. O mesmo fenómeno ocorre no termo <brajoer>, apesar de essa vogal não ser tónica. Enquanto na palavra <bròse> que corresponde <braço> na LP, o /a/ tónico por assimilação passou por /o/ e ao mesmo tempo a vogal final /o/

da LP passou por /e/. Em comparação com S.T. a vogal manteve-se em todos os exemplos, em semelhança com a língua portuguesa.

S.N.

Tamònhe

Txumá

S.T.

Tamanhu

Txoma

No exemplo <tamònhe/tamanhu> e o mesmo fenómeno que acontece em semelhança com <bròse> na explicação dada anteriormente. A palavra <txumá/txoma> nas duas subvariantes resulta da assimilação de /a/ da língua portuguesa por /u/ em S.N. e por /o/ em S.T.

5. Estudos morfológicos das variantes de Santiago e de São Nicolau

Para iniciar o estudo deste capítulo que incide sobre a parte morfológica deste trabalho que é a *Análise Morfológica das variantes dialectais de Santiago e São Nicolau*, começaria por incidir propriamente na parte referente à morfologia, apresentando o conceito da palavra-chave, a **Morfologia** – *Disciplina da linguística que descreve e analisa a estrutura interna das palavras e os mecanismos de formação de palavras.* (XAVIER E MATEUS, vol. II: 253) Ao longo deste capítulo vai ser feita uma comparação entre as classes de palavra: determinantes, pronomes, nomes, adjectivos e verbos nas duas variantes.

5.1. Determinantes

Segundo o *Dicionário de Didáctica das Línguas*, citado por Veiga **determinante** é uma *palavra que limita a extensão de uma outra palavra actualizando-a e precisando o seu conteúdo. Os determinantes são adjuntos do substantivo no interior de um sintagma nominal*

Artigo – dá-se o nome de artigo às palavras o, a, os, as e um, uma, uns, umas, que se antepõem aos substantivos para indicar: que se trata de um ser conhecido do leitor ou do ouvinte; que se trata de um simples representante de uma dada espécie ao qual não se fez menção anterior. Ele divide em artigo definido: o, a, os, as; e em artigo indefinido: um, uma, uns, umas. CUNHA e CINTRA 2001 (:155) Essa definição é segundo a gramática da língua portuguesa, mas no que tange a língua cabo-verdiana, o emprego do artigo é quase nulo, na medida em que se emprega apenas *un* e *uns*, também considerados artigos indefinidos nessa língua.

Santiago	São Nicolau
Un, uns	Un, uns

«Un» é um determinante em que às vezes é utilizado no sentido de qualificar um nome.

«Uma» Na língua cabo-verdiana só se emprega no sentido de qualificar um nome.

Variante de Santiago

1. E sta ku *un* gripi ki M ka sabi.
2. ... pa modi nu sa bai pa *un* mandadu.
3. Kel mos lá ten *un* peson/pezon.
4. *Uns* minis ki trazi.

Variante de São Nicolau

18. El ta ku *un* gripe, N ka sé fala (gripe grave). [eł te 'kũ 'gripə n kə 'se fe'le]
50. ... patxé nu ta ta ba *un* via. [pe'ʃé nu te te 'ba ũ 'vije]
68. Kel mos lá ten *un* pezon.
64. *Uns* minine ke trazé.

Na frase 18 *un* tem a função de qualificar o nome, enquanto na frase 50 tem a função de determinante. Nas duas variantes ocorrem da mesma forma.

Baltasar Lopes e Dulce Almada afirmam a não existência do artigo definido na língua cabo-verdiana, no entanto, eles defendem a existência de uso de artigo definido plural, principalmente em S.N. e também em outras ilhas, de uma forma estereotipada, com incidência nos topónimos. A realização desses artigos foi o resultado de aglutinação sob a forma de *s* do plural do masculino e ou do feminino. (VEIGA, 1996: 155)

S.N. Port.

Exs: Sponba <As Pombas
 Skarebere <Os Carvoeiro
 Skamaron <Os Camarões
 Skemada <As Queimadas

Além dos topónimos, o mesmo fenómeno também se verifica em palavras como azagua <as águas, pazdreta <para as direitas, tanto em S.N. como em S.T.

Determinantes Demonstrativos

Os **determinantes demonstrativos** servem para indicar um indivíduo ou uma coisa, no espaço ou no tempo.

Santiago	São Nicolau
Es ['eʃ]	Es ['ez]
Kel ['keɫ]	Kel ['keɫ]
Kes ['keʃ]	Kes ['kez]
mesmu/memu ['meʃmu/'memu]	Mesmu ['mezmu] /mesma ['mezme]
otu ['otu]	Ote ['otə]

Variante de Santiago

- Ex: 5. *Es* bolu e di bo/nho. ['eʃ 'bolu e di 'bo/'po]
6. Agora e' sta ta prepara p'e ba da *kel* volti-nha. [e'gore 'e ʃ'te te pre'pare 'pe 'ba de 'keɫ voɫ'tipe]
7. Pa M ba odja *kes* genti lá di riba. [pe 'ba 'odʒa 'keʃ 'gẽti 'le di 'ribɐ]
8. M kunpra kel *otu* karu. [ũ 'kũpre 'keɫ 'otu 'karu]
9. Kel *mesmu/memu* algen ki ben.

Variante de São Nicolau

65. *Es* bole e de bosê. ['ez 'bolə e də bo'se]
43. Ago el ta ta trabadjá p'el da *kel* voltinha. [e'go el tɐ tɐ trebe'dʒɐ 'peɫ de 'keɫ voɫ'tipe]
49. ...pa N ba spia *kes* jénte lá de riba. [pe 'ba ʃ'pje 'kez 'ʒẽtə 'le də 'ribɐ]
66. N kunprá kel *ote* kòrre.
67. Kel *mesmu/mesma* pessoa ke ben.

Na frase 5 da variante S.T. foi exposto os dois pronomes <bo> e <nho>, uma vez que foi constatado grupo de falantes que dificilmente usa o pronome <nho>, ou seja não diferencia a forma de tratar um colega com uma pessoa de idade avançada.

Pelo que foi constatado os determinantes demonstrativos nas duas variantes em estudos são semelhantes e apresentam apenas diferenças fonológicas como se pode verificar nos exemplos e quadro acima.

No caso do determinante demonstrativo <memu>, este é pouco usado actualmente, parece limitar-se aos falantes do interior de Santiago. Nos falantes académicos, o seu uso é quase nulo.

Exp.: M kunpra *memu* kusa.

Determinantes Possessivos

	Santiago		São Nicolau	
	Singular	Plural	Singular	Plural
1ª pessoa	Nha [ˈɲe]	Nhas [ˈɲɛʃ], nos [ˈnoʃ]	Nha [ˈɲe]	Nhas [ˈɲɛʃ], nos [ˈnoz]
2ª pessoa	Bu [bu]	Bus [ˈbuʃ] /nhos [ˈɲos]	Bo [ˈbo] /bosê	Bzote [bˈzotə] / Bosês [boˈsez]
3ª pessoa	Si [si], se [ˈse]	Ses [ˈseʃ]	Se [ˈse]	Ses [ˈsez]

Os determinantes possessivos nas duas variantes não são todos iguais. Pode-se constatar mais números de determinantes na variante de S.N. do que na de S.T. As diferenças acontecem nos determinantes da segunda pessoa, tanto no singular como no plural. São casos de [bu], [ˈɲos] para o S.T. e [ˈbo] e [bˈzotə] para S.N. Nesta última variante [ˈbo] refere-se a segunda pessoa do singular e [bˈzotə] para o plural. E na forma de tratamento por você usa-se [boˈse/z]. Enquanto em S.T. [ˈnoʃ] é usado tanto para a segunda pessoa do plural como para a forma de tratamento por você. A terceira pessoa do singular em S.T., na maioria das vezes encontra-se a expressão [si], no entanto existem pessoas que empregam [ˈse], que é semelhante a de S.N.. No plural há o mesmo determinante para as duas variantes com diferença fonológica.

Variante de Santiago

10. Pa ratu ka fra-*u*/fra-*bu bu* bolsa.
[pe 'ratu ke 'frau/'frabu bu 'bolse]
11. Oi *nha* fidju, paxenxa. [oi 'je 'fidʒu
pe'xẽxe]
12. Na *nhos* kaza. [ne 'noj 'kaze]
13. E *bu* família/E família *di nha*.
['e 'bu fe'milje / ...di 'je]
14. Bus armun ki fla.
15. E *si* livru. ['e si 'livru]
16. E bai pa ses kaza.

Variante de São Nicolau

12. Pa rate ka frau-*be bo* bolsa. [pe 'rotə
ke 'freubə 'bo 'bolse]
13. Oia *nha* fidje, pasiensia. [o'je 'je 'fidʒə
/ pe'siẽsjɛ]
69. Na *bzote* kaza. ['ne b'zotə 'kaze]
70. E *bosê* família. ['e bo'se fe'milje]
71. Bzote armon ke falá.
72. E *se* livre.
73. El ba pa ses kaza.

Para além das semelhanças e diferenças apontadas no parágrafo acima pode-se constatar um caso particular na forma de tratamento. Na variante de S.T. os jovens tratam as pessoas mais idosas por <bo>, segundo alguns entrevistados, mais concretamente os da cidade da Praia tratam os mais velhos por <bo>, e alguns afirmaram que só no caso de pessoas mais velhas e desconhecidas que eles tratam por <nha>. Os jovens que vieram do interior utilizam sempre a expressão <nho> ou <nha>, mas no caso de tratamento entre família utilizam <bo>. As pessoas de mais idade usam sempre <nha> mesmo no tratamento entre colegas. Ao contrário do que se verifica na variante de S.N., que tanto os jovens e os mais velhos utilizam sempre a expressão <bosê> para as pessoas mais idosas.

Determinantes indefinidos

Santiago		São Nicolau	
Singular	Plural	Singular	Plural
Algun [ɛɫ'gũ]	Alguns [ɛɫ'gũʃ]	Algun [ɛɫ'gũ]	Alguns [ɛɫ'gũz]
Ninhun [ni'nũ]	Ninhun des [ni'nũ 'deʃ]	Ninhun [ni'nũ]	Ninhun des [ni'nũ 'dez]
Tudu ['tudu]		Tude ['tude]	
Un munti/txeu/un ro- da [ũ 'mũti / 'ʃfew /ũ 'roda]		Un monte/txeu/ un data [ũ 'mõte / 'ʃfew/ũ 'date]	
Poku ['poku]		Poke ['pote]	
Tantu ['tete]		Tonte ['tõte]	
Otu ['otu]	Kes otu ['kez 'otu]	Ote ['ote]	Kes ote... ['kez 'ote]
Kalker [keɫ'ker]		Kalker [kaɫ'ker]	
Sertu ['sertu]	Sertus ['sertuʃ]	Sertu ['sertu]	

Não se constata diferenças a nível morfológico nos determinantes indefinidos nas duas variantes, mas sim há diferenças a nível fonológico, essas diferenças dizem respeito a algumas palavras que em S.T. apresentam /u/ no final das sílabas e em S.N. há um /e/, mas que não é pronunciado, ou seja, há uma queda de vogais que se nota nos finais da sílaba. Quanto à diferença, a mais verificável são casos de dois determinantes <un roda> (S.T.) e <un data> (S.N.).

Determinantes interrogativos

Santiago		São Nicolau	
Singular	Plural	Singular	Plural
Ki? [ki]		Ke? [ke]	
Kal? [keɫ]		Kal? [kaɫ]	
Kantu? ['ketu]		Konte? ['kõte]	

Variante de Santiago17. *Ki* dia e oji?18. *Kal* pratu ki bu skodji?19. *Kantu* skudu bu paga?**Variante de São Nicolau**74. *Ke* dia e oje/oje e kal dia.75. *Kal* pròte ke bo skudjé.76. *Konte* skude bo pagá/konte bo pagá.

Não foi possível verificar a ocorrência de plural nos determinantes interrogativos. E quanto ao singular ocorre da mesma forma nas duas subvariantes.

5.2. Pronomes**Pronomes pessoais****Sujeitos**

	Santiago		São Nicolau	
	Singular	Plural	Singular	Plural
1ª pessoa	M, mi, ami [n/ mi /ami]	Nu, nos [nú / ‘noʃ]	N, mi/ami [m/ mi /emí]	No, nos [‘no / ‘nóz]
2ª pessoa	Bu [bu], bo [‘bo], abo [e’bo], nhu, [‘ɲu] e nho [‘ɲo]	Nhos [‘ɲoʃ]	Bo, bosê [‘bo / Bo’sé]	Bzote, bosês [b’zotə / bo’séz]
3ª pessoa	El/e [eɫ /e’]	Es [‘eʃ]	El [eɫ]	Es [‘ez]

Quanto ao pronome pessoal da terceira pessoa, na conjugação em S.T. às vezes pede o *el* e às vezes pede o *e’*. **E’ kanta e el era bunitu.**

Nos pronomes sujeitos, na primeira pessoa registam-se as diferenças na primeira pessoa do plural, caso de [nu] para S.T. e [‘no] para S.N. Na segunda pessoa apresentam muitas diferenças, em S.T. usa-se cinco formas no singular [bu, ‘bo, a’bo, ‘ɲu e ‘ɲo], no plural [‘ɲoʃ] e S.N. usa-se [‘bo e bo’sé] e no plural [b’zotə e bo’séz]. E no que se refere a terceira pessoa do singular, em S.T. existem duas formas [eɫ e e’] enquanto S.N. apenas o [eɫ]. E no plural há <es>, mas pronuncia-se de forma diferente.

Nos exemplos que se seguem contém pronomes pessoais sujeitos e complementos.

Variante de Santiago

21. *M* teni na kaza.
 22. Ah *M* ka ta kre lenbra.
 23. *Ami* nha disfarse ...
 24. Ora ke pasa *bu* ta txuma-*l*.
 25. *Bo* ki bai?
 26. *Nho* ki fla-*l*?
 27. *Nhu* trazi kunpanheru?
 28. *El* ki kunpra.
 29. *Es* kaba-*m* ku kel aguinha.
 30. *E'* kunpra un karu bunitu!
 31. *Nu* ta intendi, *nos* tudu.
 32. Ma/mas, *nu* ta distrai senpri, senpri.
 33. *M* ta konta *nhos el*.
 34. *M* ta ama-*u/bu* [n ta amáw/amábu]
 35. *M* ta ama-*s*. [n ta amáf]

Variante de São Nicolau

36. *N* ten na kaza.
 47. Ah minin *mi* ka ta kre lenbrá.
 46. *Ami* nha fasilitamente e asin...
 29. Ora kel pasá pra i *bo* ta txema-*l*.
 78. *Bo* ke bai?
 79. *Bosé* ke fala-*l*
 80. *Bosé* trazé konpanhere?
 81. *El* ke kunprá.
 33. *Es* stredjá-*m* kel aguinha.
 82. *El* kunprá un karu benite!
 17. *No* ta ntendé, *nos* tude.
 53. Ma, *no* ta strai senpre, senpre.
 63. *N* ta kontá *bzote el*.
 83. *N* ta ama-*be*. [m tá amábə]
 84. *N* ta ama-*s*. [m ta amáz]

Complementos

	Santiago		São Nicolau	
	Singular	Plural	Singular	Plural
1ª pessoa	M, mi, ku mi [n /mi /ku'mi]	Nu, nos, ku nos [nu/'noʃ/ku 'noʃ]	N, mi, me, ma mi [m/mi/me /ma'mi]	Nos ['noz]
2ª pessoa	Bu, u [bu/u]	nhos. ['noʃ]	be, bosê [bə/bo'se]	bzote, bosês [bzótə / bo'sez]
3ª pessoa	L, el	S [ʃ]	L, el	S [z]

Almada apresenta (ne) para a 1ª pessoa do plural em S.N. Também mostra a semelhança na terceira pessoa do plural do pronome complemento nas duas variantes. ALMADA, 1961 (:97)

Nesta investigação não foi possível constatar esse pronome pessoal complemento, e se observou uma pequena diferença na pronúncia da terceira pessoa do plural em S.N. e S.T.

Pronomes demonstrativos

Santiago		São Nicolau	
Singular	Plural	Singular	Plural
Ke li [ke'li]	Kes li ['keʃ'li]	Este ['estə] Es, es li [ez/ez 'li]	Este ['estə]
ke la [ke 'lə]	Kes, kes la ['keʃ 'lə]		
Kel ['keɫ]	Kes ['keʃ]	Kel/akel/atxel ['keɫ/a'keɫ/a'ʃeɫ]	Kes, akes ['kez/ [a'kez]

(LOPES, 1961: 136) apresenta duas ocorrências de pronomes demonstrativos <ăxel> e <ăkel> e ainda apresenta <kalé> na variante de S.N. e em S.T. é uma realização que mais se constata no interior da ilha de Santiago, mas nas localidades mais afastadas.

Variante de Santiago

36. *ke li*

37. Kal ke e bu livru? *Ke li.*

38. *Ke li ki bu kunpra?*

Variante de São Nicolau

85. *Es li.*

86. Kal ke e bo livre? *Este.*

87. *Este ke bo kunprá?*

Pronomes possessivos

	Santiago		São Nicolau	
	Sing.	Plural	Sing.	Plural
1ª pessoa	Di meu [di 'meu]	Di nos [di 'noʃ]	Meu ['mew]	Nosa ['nose]
2ª pessoa	Di bo [di 'bo]	Di nhos ['noʃ]	Bosa ['bɔse]	Bosês [bo'sez]
2ª pessoa	Di sel [di 'seɫ]	Di ses ['seʃ]	Seu ['sew]	Seus ['sewz]

Normalmente os pronomes possessivos na variante de Santiago estão quase sempre acompanhados da expressão «di» enquanto na de São Nicolau nem sempre aparece acompanhado de «di». Também se constata diferenças em quase todos os pronomes possessivos com uma aproximação na primeira pessoa do singular S.T. [di 'mew] e S.N. ['mew]. Também na primeira pessoa do plural na S.T. houve uma queda da vogal enquanto

em S.N. continua com a última vogal que aproxima do pronome <nossa> da língua portuguesa. Curioso é que normalmente a S.N. é que apresenta queda de vogais.

Variante de Santiago

39. kel livru e *di meu*.
 40. Kadernu e *di bo*.
 41. Kaneta e *di sel*.
 42. Kaneta e di nos
 43. E di ses.

Variante de São Nicolau

88. Kel livre e *meu/de meu*.
 89. Kadernu e *de bzote?*
 90. Kaneta e *seu/de seu*.
 91. Kaneta e *nosa*.
 92. E seus.

A S.N. também usa <de> acompanhado de pronomes *bosé* e *bzote*.

Pronomes interrogativos

Santiago		São Nicolau	
Singular	Plural	Singular	Plural
Kal? ['kal]	Kas? ['kɛʃ] Kal des? ['kaɫ 'deʃ]	Kal?	Kas? Kal des? ['kaɫ/'kaɫ 'dez]
Kantu? ['ketu]		Konte? ['kõtə]	

S.T.

20. *Kal des* ki bu kre?

S.N.

77. *Kal des* ke bo kre? ['kaɫ 'dez ke 'bo 'kre]

Tanto em S.T. como em S.N. ocorre o plural nos pronomes interrogativos, já em S.N. ocorre o plural de <kal>, que é <kazora>, que significa <quais (que) horas?> como já tinha afirmado Baltasar Lopes n' *O Dialecto Crioulo de Cabo Verde*, página 136 e também como pôde ser constatado ao longo da pesquisa. Ainda o mesmo autor diz que <kal> se aglutina com <e> na forma interrogativa e exclamativa e dá origem em <kalé> (Op. cit.). Também há registo do termo *kalé* em S.T., mas a ocorrência do mesmo se nota nos falantes do interior da ilha de S.T., dos quais têm pouco contacto com a língua portuguesa. Esse determinante corresponde a <kal des>, que é a realização do plural.

Santiago	São Nicolau
Invariável	Invariável
Ki? [kɨ]	Ke?
Kusé? Kuzé? [ku'se/ ku'ze]	Kzé? [k'ze]
Kenha? ['keɲə]	Ken? [kẽ]
Undi? ['ũdi]	Ondé? [õ'de]

52. Si no pensa *kzé* ke nos e? [si no pẽ'se k'ze kə no'ze]

Pronomes relativos

Santiago		São Nicolau	
Singular	Plural	Singular	Plural
Ki [ki]		Ke	
Kal, kenha	Kas	Kal, ken	Kas
Kel ['keɫ]	Kes		
Undi ['ũdi]		Onde [õ'de]	

Variante de Santiago

Exs.: M ta ofere-se-u/bu un kamiza *ki* bu gosta.

Trazedu *tudu kel* ki staba lá.

Kel kaza/kasa *undi* nu staba.

E' ta pensa ma água sta poku.

Variante de São Nicolau

N ta ofere-se-be un kamiza *ke* bo gostá.

Trazede tude *kel* ke staba lá.

Kel kaza *ondé* bo staba.

34. El ta pensá *ke* ma água ta fraku.

Na terceira frase o termo **kel** substitui **quanto** na língua portuguesa.

Baltasar Lopes apresenta <kóntě> e <kantũ> (Sot.) como pronome relativo, n' *O Dialecto crioulo de Cabo Verde*, página 135.

Pronomes indefinidos

Santiago		São Nicolau	
Singular	Plural	Singular	Plural
Algun	Alguns	Algun	Alguns
Ninhun	Ninhun des	Ninhun	Ninhun dês
Tudu		Tude	
Un munti/txeu/un roda/fepu/bazadu		Un mont/txeu/ un data	
Poku		Poke	
Tantu		Tonte	
Otu	Kes otu	Ote	Kes ote
Kalker		Kalker	
Sertu	Sertus	Sertu	

Invariáveis: Ningen, tudu, nada

À semelhança dos determinantes, os pronomes também realizam-se da mesma forma nas duas subvariantes.

5.3. Nomes/substantivos

Substantivo – *é a palavra com que designamos ou nomeamos os seres em geral, como os nomes de pessoas, de lugares, de instituições, de um género, de uma espécie, de noções, de acções, de estados e qualidades.* (CUNHA e CINTRA, 2001: 130)

Santiago	São Nicolau
Arvi [‘ɛrvi]	Arve [‘ɛrvə]
Febreru [fɛ’breru]	Fevrer [fɛ’vrer]
Mininu[mɪ’ninu]	Menin [m’nĩ]
Bentu [‘bêtu]	Bente [‘bêtə]
Bida/vida [‘bide/’vide]	Bida/vida [‘vide/’bide]

Midju [‘midʒu]	Midje [‘midʒə]
Omi [‘omi]	òme [‘ɔmə]
Donu [‘donu]	Avô [ɐ’vo]
Bongolon [bõgo’lõ]	Mongolon [mõgo’lõ]
Pratu [‘pratu]	Pròte [‘prɔtə]
Mudjer [mu’dʒer]	Medjer [mə’dʒer]
Saku [‘saku]	Saku [‘saku]
Kazaku [kɐ’zaku]	Kazaku [kɐ’zaku]
Lagu [‘lagu]	Lagu [‘lagu]
Fraku [‘fraku]	Fraku [‘fraku]
Sapatu [sɐ’patu]	Sapotu [sa’potə]

A classe dos nomes nas duas subvariantes em estudo apresenta muita semelhança, no caso da língua cabo-verdiana as subvariantes de todas as ilhas apresentam diferenças, pois as duas não podiam fugir à regra e pode-se verificar as diferenças através do quadro, relativamente à queda de vogais que se regista em S.N. As palavras terminadas por /o/, o /a/ tónico português conserva-se em S.T. (pratu) e passa a /o/ em Barlavento incluindo S.N. (pròte), ao mesmo tempo que a vogal final passa a /e/ nesse último grupo de ilhas. Mas pode-se apontar um caso que faz excepção à regra, respectivamente, o grupo de Barlavento, pois a ilha de S.N., mesmo pertencente a este grupo, quando o /a/ tónico do português antecede as velares /k/ e /g/ se manteve à semelhança da ilha de S.T. (saku) (ALMADA 1961:35)

Porém, verifica-se aspectos semelhantes entre S.T. e S.N. no caso da consoante /v/ da língua portuguesa que se transformou em /b/ em Sotavento incluindo a ilha de S.T. e em Barlavento se manteve, com excepção para o caso de S.N. Ainda, se verifica a palatalização de /lh/ do português em /dj/ nas variantes de S.N. e S.T., o mesmo não acontece no Barlavento (S.V. e S.A.). Esses e outros aspectos é que conseguem mostrar a semelhança entre as duas variantes.

Relativamente aos substantivos vai ser estudado de uma forma particular a subclasse dos mesmos, ou seja o **número** que, como se verifica no seguinte quadro quando, os substantivos vêm precedidos de um determinante não há marca de plural nos mesmos, somente os deferminantes apresentam a marca do plural.

Santiago		São Nicolau	
Singular	Plural	Singular	Plural
Kel minina	Kes genti	Kel mnina	Kes mnina
Bu fidju	Bus fidju	Bo fidje	Bos fidje
Un kaza	Uns kaza	Un kaza	Uns kaza

Ainda no que tange às marcas do plural VEIGA, 1995: (139) diz que, em geral, o plural é indicado por um «quantitativo», que pode ser um adjectivo de quantidade, um numeral ou um colectivo e não por uma desinência como na língua portuguesa. E CARDOSO, 1989: (21) diz que não há marca de número nos substantivos, é o determinante que o traz. Mas actualmente se observa o uso de plural em alguns falantes, devido a influência da língua portuguesa.

S.T.

Txeu baka

Un munti/monti di banana

Un roda di kuza/kusa

Un txada di kasa

S.N.

Txeu baka

Un monte de banana

Un data de koza

Un data de kaza

Citando o mesmo autor, ele apresenta a desinência do plural em alguns casos, e explica que isso acontece quando não é possível a utilização de nenhuma das marcas acima expostas. Essas desinências são normalmente um **s**, às vezes um **is** em S.T. e **es** em S.N. Essas marcas foram também constatadas durante a pesquisa, mas parece ser casos de interferência da LP.

S.T.

Mudjeris di gosi

Trabadjadoris di kanpu

Minis di fora

Profesoris/pursoris di liseu

Rapazis bunitu

Piskadoris

S.N.

Medjeres de agora.

Trabadjadores de konpe

Mas, constata-se que essas desinências são mais utilizadas nas pessoas escolarizadas, ou seja por influência do português.

Quanto ao **género** pode-se constatar que na língua cabo-verdiana no geral e nas duas subvariantes em particular existem dois géneros gramaticais, o masculino e o feminino (em alguns casos) em semelhança com a gramática da língua portuguesa, mas não aparece acompanhado de artigos, principalmente o definido. Manuel Veiga é de opinião que, o género não existe na língua cabo-verdiana, mas sim, há marca do sexo. Também seguindo a ideia de CARDOSO 1989 (:22), que divide o género em três subgrupos: o género segundo o sexo, em que o vocábulo define o sexo, geralmente acontece no caso dos seres animados.

Santiago		São Nicolau	
Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
Omi	Mudjer	Ome	Medjer
Tíu	Tía/	Tiu	Tia
Juan/Djon	Juana/Djuana	Jon/Djon	Juana
Bodi	Kabra	Bode	Kabra
Trabadjador	Trabadjadera	Trabadjador	Trabadjadera
Papiador	Papiadera	Papiador	Papiadera
Kantor	Kantóra	Kantor	Kantora
Kabalu	Égua	Kabole	Égua

Também o **género** é dado quando o substantivo aparece acompanhado de um monema que define o sexo.

Exs.: mininu matxu

mininu fémia

Porém, os nomes de seres inanimados têm um único género, também alguns seres animados nas duas suvariantes.

Exs.: Os animados - ratu/rote, kriansa/kriansa, kobra/kobra

Os inanimados – porta/porta, kadera/kadera, flor/flor, kaza/kaza

5.4. Os adjectivos

As alíneas que se seguem debruçar-se-ão sobre o adjectivo de modo a poder analisar as variações (número, género e grau) dessa classe de palavra nas duas variantes em estudo. Nessa medida considera-se importante a noção do adjectivo - *é essencialmente um modificador do substantivo. Serve para caracterizar os seres, os objectos ou as noções nomeadas pelo substantivo, indicando-lhes: uma qualidade ou defeito; o modo de ser, o aspecto ou aparência; o estado. Também serve para estabelecer com o substantivo uma relação de tempo; de espaço; de matéria; de propriedade; de procedência; etc.* (CUNHA e CINTRA, 2005: 247)

O **número** – não há marca do plural nos adjectivos, na língua cabo-verdiana e particularmente nas variantes em estudos.

S.T.

minina bunita
mininas /kes minina bunita

S.N.

mnina bnita
kes mnina bnita

Quanto ao **género** existem adjectivos biformes, ou seja com uma forma para o masculino e uma outra para o feminino.

S.T.

mudjer bazofa/omi bazofu
minina preta/rapas pretu
mudjer kabu-verdiana/omi kabu-verdianu
kanpunéza/kanpunes
trabadjadera/trabadjador

S.N.

medjer bazófa/ome bazófe
mnina preta/ rapas prete
medjer kab/ome kab

E também existem adjectivos uniformes que têm a mesma forma para o masculino e para o feminino.

S.T.

aluna intilijenti/alunu intilijenti
Mudjer mau/omi mau

Os graus dos adjetivos

Santiago	São Nicolau
Kabelu bedju. [kə'belu 'bedʒu]	Kabele ruin. [kə'bɛlɔ ʀw'ĩ]
Mudjer bunita. [mu'dʒer bu'nitɐ]	Medjer bnita. [mɔ'dʒer b'nitɐ]
Katchupa sabi. [kə'ʃuɸe 'sabi]	Katchupa sabe. [kə'ʃuɸe 'sabɔ]
Denti branku. [ˈdɛti 'braku]	Dente branku. [ˈdɛtɔ 'braku]
Mininu feiu. [mi'ninu 'feju]	Mnine fei. [m'ninɔ 'fej]

Grau normal

Santiago	São Nicolau
Un mininu bunitu.	Un mnine bnite.

Grau comparativo de superioridade

Santiago	São Nicolau
Maria e mas bunita ki Zabel.	Maria e ma bnita ke Zabel.
Maria e mutu mas bunita ki Zabel.	Maria e mute ma bnita ke Zabel.
Maria e mutu mas bunita di ki Zabel.	Maria e mute ma bnita du ke Zabel.
Maria e inda mutu mas bunita di ki Zabel.	

O aparecimento do **di** nesse grau pode ser por influência do português, na medida em que na língua cabo-verdiana ocorre muito apagamento. No entanto o que ocorre com mais frequência é sem a presença de **di**.

Obs.: Esse grau não é muito usado na língua cabo-verdiana, mas emprega-se: Manel e mais bnite du ke Pedre.

Grau comparativo de igualdade

Santiago	São Nicolau
Juan/Djon e intiligenti sima Juana/djuana.	Jon/Djon e skréte k' ma Juana.
Juan/Djon e sabidu sima Juana.	Jon/Djon e sabide k' ma Juana.

Grau comparativo de inferioridade

Santiago	São Nicolau
Manel e menus feiu ki Pedru.	Manel e menus fei ke Pedre.
Manel e mutu menus feiu ki Pedru.	Manel e mute menus fei ke Pedre.
Manel inda e menus feiu ki Pedru.	
Manel inda e mutu menus feiu ki Pedru.	

Grau superlativo absoluto sintético

Santiago	São Nicolau
Sepa de karu	

Grau superlativo absoluto analítico

Santiago	São Nicolau
Bo e mesmu pikinoti.	Bo e prope pitxinin.
Omi mutu grande.	Ome mute grande.

Grau superlativo relativo de superioridade

Santiago	São Nicolau
Katarina e minina mas alta di sala.	Katarina e mnina ma òlte de sala.
Ke li e papaia más dóxi ki M konxi.	Es aí e papaia ma dóxe ke N konxé.

Pelo que foi constatado em S.T. actualmente ocorre masculino e femenino <mas altu/mas alta> respectivamente. Em S.N. foi apurado que normalmente se ocorre <òlte> para os dois géneros.

Obs.: O grau superlativo relativo de inferioridade é um grau praticamente inexistente na língua cabo-verdiana, ou seja, não é usado na linguagem corrente.

No estudo desse capítulo fez-se estudo contrastivo entre as variantes de S.T. e de S.N., onde se analisou os adjetivos nas variações do número, género e grau, no tocante a nível da morfologia as duas variantes são semelhantes. As diferenças são respeitantes à fonologia.

5.5. Os verbos

Verbo é uma palavra de forma variável que exprime o que se passa, isto é um acontecimento representado no tempo. (CUNHA e CINTRA, 2005: 277) Segundo a definição de (BRITO, A. de Paula apud VEIGA, 1995. 189) os verbos são *palavras que sevem para enunciar e atribuir a uma pessoa ou coisa, uma acção, ou um estado ou qualidade.*

Sobre a classe dos verbos muito tem para ser estudado na língua em estudo, porém dado a limitação deste trabalho debruçar-se-á sobre alguns grupos de verbos, de entre os quais se destacam os auxiliares, os regulares e os irregulares.

Os verbos auxiliares

Os verbos auxiliares, segundo VEIGA, 1995 (:192) *são os que por si sós não preenchem a função predicativa, precisando para o efeito de estarem acompanhados de um outro verbo ou de um adjunto nominal.*

(CARDOSO 1989: 51) *os verbos auxiliares constituem um elemento indispensável nas construções verbais. Têm muito mais força do que os auxiliares do sistema verbal da língua portuguesa; são praticamente indispensáveis, porque o maior parte do capital semântico recai sobre o auxiliar.*

Segundo VEIGA, op.cit. os verbos auxiliares mais usados são: ser, ten, sta, bai, bem, anda/ser, ten, sta, bai, ben, anda. E na língua portuguesa os auxiliares mais frequentes são: ter, haver, ser e estar. (CUNHA e CINTRA, 2001: 278) Mas vão ser apresentados neste trabalho apenas os verbos ser “ser”, tem “ten” e estar “sta”.

Verbo ser “ser” – modo indicativo

Santiago		São Nicolau	
Presente	Pretérito imperfeito	Presente	Pretérito imperfeito
Ami e	M era	N e	N’ era
Bo e	Bo/bu era	Bo e	Bo era
El e	El era	El e	El era
Nu e	Nu era	No e	No era
Nhos e	Nhos era	Bzote/bosês e	Bzote/bosês era
Es e	Es era	Es e	Es era

Santiago		São Nicolau	
Pret. perfeito	Futuro	Pret. perfeito	Futuro
M foi	M ta ser	N foi	N ta ser
Bu foi	Bu ta ser	Bo foi	Bo taser
E foi	E ta ser	El foi	El ta ser
Nu foi	Nu ta ser	No foi	No ta ser
Nhos foi	Nhos ta ser	Bzote/bosês foi	Bzote/bosês ta ser
Es foi	Es ta ser	Es foi	Es ta ser

Em S.N. ocorrem ainda outras formas como: **for** que corresponde o futuro; **fose**, o imperfeito do conjuntivo e **side**, o particípio passado. Essas formas ocorrem em S.T. de uma forma muito particular, ou seja nas pessoas com um certo nível de escolaridade, por influência do português. Também nesta variante ocorre a forma **serba**, de uma forma muito limitada, na medida em que ela equivale à forma **era** que ocorre com muita frequência. A forma **serba** pode ser encontrada em expressões idiomáticas como:

Serba si-me pa bu podeba ben. (SILVA, 2001)

Em relação à S.N. não se constatou a ocorrência dessa forma.

Verbo estar “sta” – modo indicativo

Santiago		São Nicolau	
Presente	Pretérito imperfeito	Presente	Pretérito imperfeito
M sta trabadja	M staba ta studa	N ta ta trabadjá	N staba ta studá
Bu sta “	Bo staba ta “	Bo ta ta “	Bo staba ta “
E’ sta “	E’ staba ta “	El ta ta “	El staba ta “
Nu sta “	Nu staba ta “	No ta ta “	No staba ta “
Nhos sta “	Nhos staba ta “	Bzote/bosês ta ta “	Bzote/bosês staba ta “
Es sta “	Es staba ta “	Es ta ta “	Es staba ta “

E’ sta trabadja e **e’ sta ta trabadja** – são duas formas verbais que correspondem ao presente do indicativo, mas a segunda demonstra uma acção que ocorre no momento.

Santiago		São Nicolau	
Pret. perfeito	Futuro	Pret. perfeito	Futuro
M stivi ta	M ta sta ta studa	N stibe ta trabadjá	N ta sta ta studá
trabadja	Bo ta sta ta “	Bo stibe ta “	Bo ta sta ta “
Bu “	E’ ta sta ta “	El stibe ta “	El ta sta ta “
E’ “	Nu ta sta ta “	No stibe ta “	No ta sta ta “
Nu “	Nhos ta sta ta “	Bzote/bosês stibe ta “	Bzote/bosês ta sta ta “
Nhos “	Es ta sta ta “	Es stibe ta “	Es ta sta ta “
Es “			

Em S.N. no futuro verifica-se duas realizações: uma próxima de S.T. **ta sta ta studá** e a outra mais próxima de Barlavento **ta stóde ta studá**. A primeira realização confirma a proximidade entre as duas variantes.

Assim como em S.T., em S.N. também se emprega **N sta**.

No que se respeita ao verbo “sta” no pretérito perfeito não foi possível constatar na prática a realização deste tempo verbal. Pode-se ouvir essa realização entre os letrados. Apesar disso, pode-se constatar que Veiga expôs o pretérito perfeito na sua *Introdução à gramática*.

Em S.N. há a realização do pretérito perfeito composto do verbo “sta”, enquanto em S.T. não se deu conta da realização deste tempo.

Santiago	São Nicolau
Condicional	Condicional
M ta staba ta studa	N ta staba ta studá
Bu ta staba ta “	Bo ta staba ta “
E’ ta staba ta “	El ta staba ta “
Nu ta staba ta “	No ta staba ta “
Nhos ta staba ta “	Bzote/bosês ta staba “
Es tas taba ta “	Es ta staba ta studá “

Verbo ter “ten” – modo indicativo

Santiago		São Nicolau	
Pret. perfeito	Pretérito imperfeito	Pret. perfeito	Pretérito imperfeito
M ten trabadjadu	M tinha kumidu	N ten trabadjóde	N tinha kumide
Bu ten “	Bu tinha “	Bo ten “	Bo tinha “
E’ ten “	E’ tinha “	El ten “	El tinha “
Nu ten “	Nu tinha “	No ten “	No tinha “
Nhos ten “	Nhos tinha “	Bzote/bosês ten “	Bzote/bosês tinha “
Es ten “	Es tinha “	Es ten “	Es tinha “

O **presente do indicativo** do verbo “ten” realiza-se em S.T. de duas formas, através de **teni**, e **ten**, mas não se realizam como auxiliares, pelo menos não foi possível observar nos falantes comuns, a não ser os que foram tomados como influência da língua portuguesa. Enquanto em S.N. realiza-se apenas **ten**.

Optou-se por apresentar o pretérito perfeito e o pretérito imperfeito compostos do verbo “ten” nos quadros acima, uma vez que se verificou que ocorrem essas realizações por

hipercorreção, mas não se notou essas realizações entre os entrevistados. O que realmente ocorrem em S.T. estão nos exemplos das frases que se seguem:

Dja-m trabadja. – Pretérito perfeito

Dja-m kumeba. – Pretérito imperfeito

Em S.T. a forma verbal **tenba** corresponde a **tinha** apresentado no quadro acima. A diferença entre as duas reside no facto de **tinha** ser utilizado pelos falantes que têm muito contacto com a língua portuguesa, pessoas escolarizadas, ou seja por influência à língua portuguesa e enquanto **tenba** já é utilizado pelos falantes menos escolarizados e com menos contacto com a língua portuguesa. **Tenba** pode considerar tratar-se de uma variação diastrática. Ainda existe a forma **teneba**, que segundo Manuel Veiga corresponde ao imperfeito do conjuntivo. Quanto à utilização dessa forma, é semelhante à explicação dada ao verbo **tenba**. Actualmente utiliza-se mais a forma **tinha** que substitui a forma **teneba**. Diz-se actualmente, na medida em que hoje a maioria da população é jovem e tem acesso ao ensino, deste modo estão em contacto com a língua portuguesa. De acordo com a pesquisa feita, em S.N. não se nota a realização das formas **tenba** e **teneba**, mas sim **tinha**. Neste caso, conforme o quadro o verbo auxiliar “ten” conjuga-se do mesmo modo nas duas variantes. No entanto, Eduardo Cardoso apresenta a forma **tenba**, como um passado anterior a outro passado.

Ainda há uma outra forma próxima de **teneba**, que é **teneda**, geralmente são empregues em contexto onde o sujeito é indeterminado:

Kel bes ta **teneda** animal dentu di kasa.

Além dessas formas já apontadas na variante S.N., ocorrem outras como: **tibe** que corresponde ao pretérito perfeito; **tiver**, o futuro; **tivese**, o imperfeito do conjuntivo e **tide**, o particípio passado. Já em S.T. a ocorrência dessas formas é restrita, assim como já se explicou anteriormente.

Exs: N **tibe** na kel festa.

Si N **tiver** tenpe M ta parsé.

Si N **tivese** dinher M ta konpraba kel korre.

El **ten tide** tenpe.

Basta observar os quadros dos verbos e confrontar com o trabalho de Veiga na *Introdução à gramática*, que foi uma análise contrastiva entre as variantes dialectais de Santiago e de São Nicolau para confirmar a proximidade entre as variantes de S.T. e S.N., a que Eduardo Cardoso já fazia referência.

Os verbos regulares

Os verbos regulares são os que pertencem a um mesmo paradigma de conjugação e se actualizam em todos os aspectos, tempos, modos e pessoas. E conforme a natureza da vogal temática (a, e, i, o, u) e as flexões que as acompanham, podem, no caso do português, ser classificados de 1ª, 2ª, 3ª, 4ª e 5ª conjugação. VEIGA, Op. cit. (:189) E na língua cabo-verdiana, Baltasar Lopes informa que há cinco conjugações e indica os seguintes como exemplos: (a ortografia foi modificada de acordo com o alfabeto seguido neste trabalho)

1ª conjugação - verbos de infinitivo em á – kantá;

2ª conjugação – verbos de infinitivo em é – perdé;

3ª conjugação – verbos de infinitivo em í – sintí;

4ª conjugação – verbos de infinitivo em o – po;

5ª conjugação – verbos de infinitivo em ú – lanbú. (LOPES, 1984: 144)

Essas conjugações existem em Barlavento, mas em S.T. já não, porque em S.T. existe **perdi** em vez de **perdé**, porque normalmente os verbos que na LP terminam com a vogal /e/, na LCV transformou-se em /i/, e poi em vez de po.

Modo indicativo

Santiago		São Nicolau	
Presente	Pretérito imperfeito	Presente	Pretérito imperfeito
M sa ta kanta	M ta kantaba	N ta ta kantá	N ta kantaba/ taba kantá
Bu sa ta kanta	Bu ta kantaba	Bo ta ta kantá	Bo ta kantaba
E' sa ta kanta	E' ta kantaba	El ta ta kantá	El ta kantaba
Nu sa ta kanta	Nu ta kantaba	No ta ta kantá	No ta kantaba
Nhos sa ta kanta	Nhos ta kantaba	Bzote/bosês ta ta kantá	Bzote/bosês ta kantaba
Es sa ta kanta	Es ta kantaba	Es ta ta kantá	Es ta kantaba

O tempo que foi considerado presente do indicativo, assim como aparece na conjugação não se realiza em todos os falantes de S.T., porque é uma variação geográfica, ou seja, normalmente os falantes da capital usam a expressão **sta** em vez de **sa ta**, mas verificou-se que na conjugação não se consegue realizar **sta kanta** com todos os pronomes pessoais a não ser que se acrescenta uma outra partícula ta: **sta ta kanta**. Deste modo foi escolhido a forma utilizada por Veiga para conjugar esse tempo.

Além da realização do pretérito imperfeito apresentada na conjugação há outras formas de realizar esse tempo como mostram os exemplos:

S.T.

M kantaba/ M staba ta kanta

S.N.

N staba ta kantá

Modo indicativo

Santiago		São Nicolau	
Pret. perfeito	Futuro?	Pret. perfeito	Futuro
M kanta	M ta kanta	N kantá	N ta kantá
Bu kanta	Bu ta kanta	Bo kantá	Bo ta kantá
E' kanta	E' ta kanta	El kantá	El t kantá
Nu kanta	Nu ta kanta	No kantá	No ta kantá
Nhos kanta	Nhos ta kanta	Bzote/bosês kantá	Bzote/bosês ta kantá
Es kanta	Es ta kanta	Es kantá	Es ta kantá

Além dessa realização do futuro, há outra forma: **M sta ben kanta** em S.T. e em S.N. **N ta ben kantá**. A forma que aparece acompanhada da expressão **al** é um futuro duvidoso. **M al kanta**.

Conclusão

Neste estudo que compara as variantes de S.T. e de S.N., conclui-se que existem diferenças entre as duas variantes, principalmente no que toca à fonologia. Esta e outras diferenças não dificultam a comunicação pelo que se descodifica qualquer mensagem entre os falantes dessas ilhas, pelo contexto, apesar de encontrar termos pertencentes a uma variante e que não existem na outra.

No que se refere à aproximação conclui-se que as duas variantes apresentam as seguintes semelhanças: as palavras com emprego dos sons palatais, “dj” e o “tx” nas duas variantes são iguais; o emprego da oclusiva bilabial no lugar da fricativa labiodental da língua portuguesa; manutenção do “u” final átono das palavras graves portuguesas cuja vogal acentuada é o “a” aberto, sempre que essa vogal é precedida das oclusivas velares – “k” e “g”. CARDOSO, 1989 (:11) já tinha chegado a essas conclusões, também este TFC conseguiu chegar as mesmas conclusões. Outras aproximações dizem respeito aos determinantes, pronomes, substantivos e adjetivos, que apresentam muitas semelhanças, há algumas diferenças num termo ou outro termo que não são iguais nas duas variantes e a nível fonológico; E de salientar que Baltasar Lopes já tinha pressentido no seu trabalho *O Dialecto Crioulo de Cabo Verde*, se não for a aproximação da subvariante de S.N. à variante de Sotavento, ao menos já tinha dividido a variante de Barlavento em dois subgrupos: o subgrupo de São Vicente e Santo Antão; o subgrupo de São Nicolau. (LOPES 1984 (:37)

Quanto às diferenças constatou-se os seguintes: de um modo generalizado o /a/ tónico português por assimilação passa por /o/ e a vogal final /o/ transforma em /e/ em S.N., enquanto em S.T. manteve-se; uma outra diferença constatada é a queda de vogais que mais se verifica em S.N. do que em S.T.; quanto à acentuação das palavras, de um modo geral são iguais, com excepção dos verbos que, no geral são em S.T. paroxítonos e em S.N. oxítonos; também existem algumas formas verbais que ocorrem em S.N com mais frequência do que em S.T. A maior diferença entre as duas variantes é a nível fonológico.

Para a recolha de corpus deslocou-se à ilha de São Nicolau a fim de obter mais informações in loco para a análise e também teve pessoa por perto e disponível para auxiliar. Enfim, o trabalho foi de muito esforço, mas ao chegar ao fim sente-se recompensa e satisfação, por na medida em que esta tarefa permitiu como e que a língua cabo-verdiana se realiza em todos aspectos, comparando com a língua portuguesa da qual surgiu. Até bem pouco tempo ouvia-se falar que o crioulo cabo-verdiano era uma língua sem gramática. Ao longo do trabalho foi possível detectar que os verbos na língua cabo-verdiana realizam-se em todos os tempos. Essa conclusão permitiu ter conhecimento como é que os cabo-verdianos conhecem tão pouco a sua língua, e por isso se defende mais uma vez o estudo da mesma.

As variantes em estudo demonstram muita proximidade e ao longo do trabalho pode ser constatado que alguns termos usados em S.N. são também usados no chamado k1 (crioulo1) de S.T., ou seja, nos falantes com menos contacto com a língua portuguesa, na maioria falantes do interior da ilha de S.T.

Ao chegar ao final deste trabalho há um espírito de missão cumprida, porém está-se convicta de que existem lacunas, mas foi feito tudo que estivesse ao alcance para que saísse um bom trabalho.

BIBLIOGRAFIA

- ARQUIVO HISTÓRICO NACIONAL (CABO VERDE). *Descoberta das ilhas de Cabo Verde*. Praia: 1998;
- ALMADA, Maria Dulce de Oliveira, (1961). *Contribuição para o dialecto falado no seu arquipélago*. Lisboa: 1961;
- ALMADA-DUARTE, Dulce, (1978). *A problemática da utilização das línguas nacionais: língua, nação, identidade cultural*. in Revista Raízes nºs 5/6, 1978, ano 2;
- AMARAL, Ilídio do. *Santiago de Cabo Verde*. 2007;
- BERGSTROM, Magnu, REIS, Neves. *Prontuário Ortográfico e guia de língua portuguesa*. Edição actualizada, 36 edição.1999;
- CARDOSO, Eduardo Augusto. *O Crioulo da Ilha de S. Nicolau Cabo Verde*. Instituto de Cultura e Língua Portuguesa/Instituto Cabo-verdiano do Livro, 1ª edição, 1989);
- CUNHA Celso e CINTRA Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa: Edições João Sá da Costa. 18ª edição. 2005;
- CUNHA Celso e CINTRA Lindley. *Breve Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa: Edições João Sá da Costa. 14ª edição. 2001;
- FARIA, Ana C.; CUNHA, Ivan; FELIPE, Yone X. *Manual Prático para a Elaboração de Monografias (Trabalho de Conclusão de Curso, Dissertações e Teses)*. São Paulo: USJT, 2002;
- FILHO, João Lopes. *Ilha de S: Nicolau. Cabo Verde. Formação da Sociedade e Mudança Cultural*. I vol. SGME. 1ª edição. 1996;
- GARCIA, J. Orlando Lopes e ASSUNÇÃO, Maria Jesus. *Breve comparação entre as variantes de Santiago e São Vicente*. ISE. 2000;
- LIMA, Maria de Lourdes Santos. *Confluências das línguas cabo-verdianas e portuguesa. Perspectiva interdisciplinar*. Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade do Porto, em 2001. Texto policopiado;
- *Fonologia e Morfologia do Português*. ISE, 2002;
- LIMA, Maria de Lourdes Santos. “Da liberdade criativa à normalização.Descrição do Caboverdiano no seu diassistema”, in Revista Científica de Estudos Cabo-verdianos, nº 1, Praia: Uni-CV, 2005;

- MATEUS, Maria Helena Mira *et alii*. *Fonética, Fonologia e Morfologia do português*. Lisboa: Universidade Aberta. 1990;
- SILVA, Baltasar Lopes. (1957). *O Dialecto Crioulo de Cabo Verde*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda. 1984;
- SILVA, João Baptista Nascimento. *Um Contributo para o Estudo do Sistema TMA-Tempo, Modo e Aspecto – na Língua Cabo-verdiana*. - ISE, 2001;
- VEIGA, Manuel. *Diskrison Strutural di Lingua kabuverdianu*. ICL/Plátano Editora; Lisboa, 1982;
- VEIGA, Manuel. (1995). *Introdução à Gramática do Crioulo*. Instituto cabo-verdiano do Livro e do Disco. 2ª edição. 1996;
- VEIGA, Manuel. *O Caboverdiano em 45 Lições*. Praia: 2002;
- XAVIER, Maria Francisca e MATEUS, Maria Helena. *Dicionário de Termos Linguísticos*, vol. I. Lisboa: Edições Cosmos. 1ª edição. 1990;
- XAVIER, Maria Francisca e MATEUS, Maria Helena. *Dicionário de Termos Linguísticos* vol. II. Lisboa: Edições Cosmos. 1ª edição. 1992.

Anexos

corpus

I.

1. Inda ta sede [‘ĩdɛ tɛ ‘sedə]
2. El ka ta kuzinhòde, el ta so dòdɔ fɛrba [el kɛ tɛ kuzi’ɲɔdɔ/ el tɛ so ‘dɔdɔ fɛrbɛ]
3. Ezatamente, ta fazé un rafogòde ta poi [Ezɛtɛ’mɛtɔ tɛ fɛ’zɛ ũ refo’gɔdɔ tɛ ‘poj]
4. Tamònhe des trintxinha [tɛ’mɔɲɔ ‘dɛʃ ‘trĩɲĩɲɛ]
5. Aoje el ta tardá d’argí. [ɛ’ojɔ ɛɫ tɛ tɛr’dɛ dɛr’gi]
6. Ka ta feká drete. [kɛ tɛ f’ka ‘dretɔ]
7. ka ta kontentá-m. [kɛ tɛ kɔtɛ̃’tɛmɔ]
8. No ta piká den na ros. [no tɛ pi’kɛ dɛ̃ nɛ ‘roj]
9. Ke ta kansa-m e kel modje. [kɛ tɛ kɛ’sɛmɔ ɛ ‘kɛɫ ‘modʒɔ]
10. Bzote ka sta bon. [b’zotɔ kɛ ʃ’tɛ bɔ]
11. Aaa/ manera, djo un kabesada. [aaa ma’nɛrɛ dʒɔ ũ kɛbɛsádɛ]
12. Pa rote ka frau-be bo bolsa. [pɛ ‘rotɔ kɛ ‘frɛubɔ ‘bɔ ‘bɔɫsɛ]
13. Oia nha fidje, pasiensia. [o’jɛ ‘ɲɛ ‘fidʒɔ / pɛ’siɛsɲɛ]

2.

14. Bo sabé ke ma nha Pinha ta ntendé. [bo sɛ’bɛ kɔ mɛ ɲɛ ‘piɲɛ /tɛ ntɛ̃’dɛ]
15. Ma un kzinha [mɛ nk’ziɲɛ]
16. N ta ba labá Davide un ropa, pa el lebá manha pa trabòdjɔ. [m tɛ ‘bɛ lɛ’bɛ dɛ’vidɔ ũ ‘ropɛ ‘paɫ lɛ’bɛ mɛ’ɲɛ pɛ trɛ’bɔdʒɔ]
17. No ta ntendé, nos tude. [no tɛ ntɛ̃’dɛ ‘noʃ ‘túdɔ]
18. El ta ku un gripe, N ka sé fala. [ɛɫ tɛ kũ ‘gripɔ / m kɛ ‘sé fɛ’lɛ]
19. Gripe sta en pé. [‘gripɔ ʃ’tɛ ɛ pé]
20. Ba ferbé, sin senhor. [‘bɛ fɛr’bɛ/sĩ sɛ’ɲɔr]
21. El ta fazé kel xá, el ta bebé, s’el tiver jete el ta tumá un bònhe, nen ke mornu, el ta tumá.
Pa ke gripe sta en pé. Pa kanta mas dja panhá jiada.

- [eɫ ta fe'ze 'keɫ 'ʃa eɫ te be'be 'seɫ ti'ver 'ʒetə /eɫ te tu'me ũ 'bɔɲə, nẽ kə 'monu, eɫ ta tu'me/
pe'ke 'gripə ʃ'te ẽ 'pe/pa 'kãte 'meʃ 'dʒe pe'ne ʒia'de]
22. Ta ba ta pasá pra vida. [te ba te pe'se pre 'vide]
23. Ta ba ta nimá ke fé na Deus. [te ba te ni'me/ kə 'fe ne 'dewʃ]
24. Deus ta ba ta da saúde. ['dewʃ te ba te de se'udə]
25. Pa ke kel dia de trabòdje pel ba tra nimòde un! [pe ke 'keɫ 'dije də tre'bɔdʒə /'peɫ 'ba tra
ni'mɔdə]
26. Mileila, ta i na kaza nha Mari Jon. [Mi'leile/ te i ne 'kaze 'na Ma'ri'ʒõ]
27. El ta ta ben de Stanxia, el ta lá. [eɫ te te bẽ də S'tãʃje eɫ te 'le]
28. Ok'el pasá pur li bo ta txumá-l [ɔ 'keɫ pe'se pur li/ 'bo ta ʃ'meɫ]
29. Ora k'el ta pasá pra i bo ta txuma-l ['ore 'keɫ pe'se pre i/ 'bo te ʃ'meɫ]
30. Pa el lebá, asin Deus ta ajudá. ['peɫ le'be'e'sĩ 'dewʃ te ɛʒu'de]
31. El ta sta ke un mede ma es aguinha aí na funde, Deus ta da saúde pa ka faltá. [eɫ te ʃ'te kẽ
'medə/ me ez e'gwɪne e'ji ne 'fũdə /'dewʃ te de se'udə pe ke feɫ'te]
32. Forsa i koraja. ['fɔrse i kɔ'raʒe]
33. Es stredja-m kel agwinha. ['ez ʃtre'dʒe 'keɫ e'gwɪne]
34. El ta pensá ke ma água ta fraku, água sta poke dja-s stredja-m el. [eɫ te pẽ'se kə 'ma 'agwe
te 'fraku /'agwe ʃ'te 'pokə 'dʒaz ʃtre'dʒe eɫ]
35. I go e pa ba buská água na Rebera de Djon pa podé labá. [i go /e pe 'ba bʃ'ke 'agwe ne
r'berə də 'dʒõ pe po'de le'be]
36. N ten na kaza. [m tẽ ne 'kaze]
37. Sin, ba na pas de Deus forsa i Koraja. [sĩ/'ba ne 'peʃ də 'dewʃ 'fɔrse i kɔ'raʒe]
- 3.**
38. El txumá onte ma e fla-m kel ta txumá pa Natal p'el/pal da boas festa. [eɫ ʃ'me 'õtə 'ma e
'fle 'keɫ te ʃ'me pe ne'teɫ 'peɫ 'de 'boeʃ 'féʃte]
39. Te go N ta sperá. [te go m te ʃpe're]
40. As vez ta ten tenpe poke. [es 'vez ta tẽ 'tẽpə 'pokə]
41. Un vez N ta karditá, ma agora [ũ 'vez m ta kerdɪ'te 'ma e'gore]
42. Enrike falá ke ma Antone falá. [ẽ'rikə fe'le /kə 'me ɛt'onə fe'le]

43. Ago el ta ta trabadjá p'el da kel voltinha. [e'go eɫ tɛ tɛ trebe'dʒɛ peɫ dɛ 'keɫ voɫ'tɪnɐ]
44. Asin bzote tardá de txuma-m. [a'sĩ b'zotə ter'dɛ də ʃ'mɛ]
45. Na ne nada nau. [nɛ enə 'nade 'nɛw]
46. Batista ta demorá de txumá. N ta txumá tamé. N ta fasilítá tamé. Ami nha fasilitamente e sin paké tude ora N ka ta ten ken faze-m asin na talefone. Nha konbersa e klore, obí.
[be'tɪʃtɛ tɛ demo're də ʃ'mɛ / m tɛ ʃ'mɛ ta'mɛ m tɛ fesili'tɛ tɛ'mɛ / a'mi 'jɛ fesilite'mɛtə e sĩ
/ pe'ke 'tudə ora m ke tɛ tɛ kɛ fe'zɛ ɛ'sĩ nɛ tele'fonə / 'jɛ kō'bersɛ e 'klorə/ o'bi]
47. Ah minin mi N ka ta kre lenbrá. [ɛ mi'nĩ mĩ ke tɛ 'kre lɛ'brɛ]
48. Deus txuma-l na Glória. ['dɛwʃ ʃ'mɛɫ nɛ 'glorjɛ]
49. Nha Pinha N ka ta ketá mas patxé N ta kindá la de riba pa N ba spia kes jente la de riba.
['jɛ 'pijɛ m ke tɛ ke'tɛ mɛʃ pe'ʃjɛ m tɛ kĩ'dɛ 'lɛ də ri'be pã 'ba ʃ'pjɛ 'kez 'zɛtə 'lɛ də 'ribɛ]
50. Padjé N sta ke jente na Stanxia ta spero-m patxé nu ta ta ba un via. [pe'ʃjɛ m ʃ'tɛ kə 'zɛtə
na ʃ'tãʃjɛ tɛ ʃpɛ'rō pe'ʃjɛ nu tɛtɛ ba ũ 'vje]
51. Bo ka ta tumá fé [bó ke tɛ tu'mɛ 'fe]
52. Se no pensá kzé ke nos e. [se no pɛ'sɛ k'ze kə no'ze]
53. Ma no ta strai senpre, senpre. ['mɛ 'no tɛ ʃ'trei 'sɛprə]
54. O nose senhor pasiensia na munde. ['ɔ 'nosə se'jɔr pe'sɛsje nɛ 'mũdə]
55. Nu ka ta dezobrigá. [nu ke tɛ dezobri'gɛ]
56. Nha Antone, N ka ta skesé. ['jɛ tónə/ m ke tɛ ʃk'sɛ]
57. Ba ma es pa konpe. [ba mɛ ez pe 'kōpə]
58. Na Praia ka ta falòde konpe. [nɛ 'prajɛ ke tɛ fe'lɔdə 'kōpə]
59. No ka sabé se nu ta torná enkontrá. ['no ke se'be sə nu tɛ tor'ne ɛkō'trɛ]
60. Modé pera N odjá. [mo'dɛ pe're m o'dʒɛ]
61. Ora no ta falá aeroporto ora no ta falá konpe. ['orɛ 'no tɛ fe'le ɛɛro'portə orɛ 'no tɛ fe'le
'kōpə]
62. Dja-m skesé. ['dʒɛ ʃk'sɛ]
63. Ora ki N lenbra-l N ta kontá bzote el. ['orɛ kĩ lɛ'brɛɫ m tɛ kō'tɛ b'zotə eɫ]
64. Uns minine ke trazé.[ũʃ m'ninə ke tre'ze]
65. Es bole e de bosê.[ɛz 'bolə e də bo'sɛ]
66. N kunprá kel ote kòrre [m kũ'prɛ 'keɫ 'otə 'kɔrə]

67. kel mos lá ten un pezon. [ˈkɛɫ ˈmoʃ ˈlɛ tẽ ã peˈzõ]
68. kel mesmu/mesma pessoa ke ben. [ˈkɛɫ ˈmezmu/ˈmezmɐ peˈsoɐ kə bẽ]
69. Na bzote kaza. [ˈnɛ bˈzotə ˈkazɐ]
70. E bosê família. [ˈɛ boˈsɛ fɛˈmiljɐ]
71. Bzote armon ke falá. [bˈzotə arˈmõ kə fɛˈlɐ]
72. E se livre. [ɛ ˈsɛ ˈlivrɐ]
73. El ba pa ses kaza. [ɛɫ ˈba pɐ ˈsez kázɐ]
74. Ke dia e oje/oje e kal dia. [kɛ ˈdijɐ ˈɛ ˈoʒɛ/ˈoʒɛ ˈɛ ˈkɛɫ ˈdijɐ]
75. Kal pròte ke bo skudjé. [ˈkɛɫ ˈprotə kə ˈbo ʃkuˈdʒɐ]
76. Konte skude bo pagá/konte bo pagá. [ˈkõtə ʃˈkudə ˈbo pɐˈgɐ]
77. Kal des ke bo kre? [ˈkɛɫ ˈdez kə bo ˈkrɐ]
78. Bo ke bai? [ˈbo kɛ ˈbai]
79. Bosê ke fala-l [boˈsɛ kɛ fɛˈlɛɫ]
80. Bosê trazé konpanher? [boˈsé trɛˈzé kõpɐˈɲɐ]
81. El ke kunprá. [ɛɫ kɛ kũˈprɐ]
82. El kunprá un kòrre benite! [ɛɫ kũˈprɐ un ˈkõrɐ bˈnitə]
53. Últime bes ke tinha binde. [ˈuɫtimə ˈbɛʃ kə ˈtɪɲɐ ˈbĩdə]
63. N ta kontá bzote el. [n tɛ kõtˈtɛ bˈzotə ˈɛɫ]
83. M ta ama-be. [m tɛ aˈmɛbɐ]
84. M ta ama-s. [m tɛ aˈmɛz]
85. Es li.
86. Kal ke e bo livre? Este.
87. Este ke bo kunprá?
88. Kel livre e meu/de meu.
89. Kadernu e de bzote?
90. Kaneta e seu/de seu.
91. Kaneta e nosa.
92. E seus.

Variante de Santiago

1. E sta ku un gripi ki M ka sabi. [‘e ʃˈtɛ ku ã ‘gripi]
2. ... pamodi nu sa bai pa un mandadu. [pɐˈmodi nu sɛ ‘bɛj pɛ ã mɛˈdadu]
3. Kel mos lá ten un peson/pezon. [‘kɛʃ ‘moʃ ‘lɛ tẽ ã pɛˈsõ/pɛˈzõ]
4. Uns minis ki trazi. [ũʃ miˈniʃ ki ‘trezi]
5. Es bolu e di bo/nho.
6. Agora e’ sta ta prepara p’e’ ba da kel voltinha. [ɐˈgora e ʃˈtɛ tɛ pɛˈpɛrɛ ‘pɛ ‘ba dɛ ‘kɛʃ voʃˈtɪnɐ]
7. Pa M ba odja kes genti lá di riba. [pã bá ‘odʒa ‘kɛʃ ‘gẽti ‘lɛ di ‘riba]
8. M kunpra kel otu karu. [ũ ‘kũprɛ ‘kɛʃ ‘otu ‘karu]
9. Kel mesmu/memu algen ki ben. [‘kɛʃ ‘mɛʃmu/ˈmemu aʃˈgẽ ki bẽ]
10. Pa ratu ka fra-u/fra-bu bu bolsa. [pɛ ‘ratu kɛ ‘frau/ˈfrabu bu ‘bolsɐ]
11. Oi nha fidju, paxenxa. [oi ‘ɲɐ ‘fidʒu pɛˈxẽxɐ]
12. Na nhos kaza. [nɐ ‘ɲoʃ ‘kazɐ]
13. E bu família/E família di nha. [‘e ‘bu fɛˈmiljɐ / ...di ‘ɲɐ]
14. Bus armun ki fla. [‘buʃ ɐrˈmũ ki ‘flɛ]
15. E si livru. [‘e si ‘livru]
16. E bai pa ses kaza. [ˈɛ ‘bɛi pɛ ‘sɛʃ kázɐ]
17. Ki dia e oji/oxi? [ki ‘diʒɐ ‘e ‘oʒi/ˈoʃi]
18. Kal pratu ki bu skodji? [‘kaʃ ‘prátu ki bu ʃˈkodʒi]
19. Kantu skudu bu paga? [‘kātu ʃˈkudu bu ‘pagɐ]
20. Kal des ki bu kre? [‘kɛʃ ‘dɛʃ ki bu ‘kre]
21. M teni na kaza. [n ‘tɛni nɐ ‘kazɐ]
22. Aa M ka ta kre lenbra. [aa n kɛ tɛ ‘kre ‘lẽbrɐ]
23. Ami nha disfarsi. [ɐˈmi ‘ɲɛ diʃˈfarsi]
24. Ora k’e pasa bu ta txoma-l. [ˈore kɛ ‘pasɐ bu tɛ ʃˈfoˈmɛʃ]
25. Bo ki bai? [‘bo ki ‘bɛi]
26. Nho ki fla-l? [‘ɲo ki ‘flɛʃ]
27. Nhu trazi kunpanheru? [ˈɲu ‘trezi kũpaˈɲɛru]
28. El ki kunpra. [ɛʃ ki ‘kũpra]

29. Es kaba-m ku kel aguinha. [‘eʃ ke’bɐ ku ‘keɫ ɐ’gwɨɲɐ]
30. E’ kunpra un karu bunitu! [‘e ‘kũpre ũ ‘karu bu’nitɨ]
31. Nu ta intendi, nos tudu [nu tɐ ɨ̃’tẽdi/’noʃ ‘tudu]
32. Ma/mas, nu ta distrai senpri, senpri. [‘ma/’mɐs/ nu tɐ diʃ’trei ‘sẽpri]
33. M ta konta nhos el. [n tɐ ‘kõtɐ ‘noʃ ‘el]
34. M ta ama-u/bu [n tɐ a’mɐw/bu]
35. M ta ama-s [n tɐ a’máf]
36. Ke li [ke’li]
37. Kal ke bu livru? Ke li. [‘keɫ ke bu ‘livru ke’li]
38. Kel ki bu kunpra? [‘keɫ ki bu ‘kũpra]
39. kel livru e di meu.
40. Kadernu e di bo.
41. Kaneta e di sel.
42. Kaneta e di nos
43. E di ses